

ILUSTRAÇÃO

1-MARÇO-1936

N.º 245 — 11.º ano

PREÇO-5 escudos



Uma esquadrilha do Centro de Aviação Naval de Lisboa, nas manobras de 1935 no Atlântico, sobrevoa a capital da ilha da Madeira, durante um cruzeiro de mais de 6.500 quilómetros.

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Porquê?

Por que motivo sofre resignada das suas dores de cabeça, se toda a gente sabe que a Cafiaspirina é um produto de toda a confiança, absolutamente inofensivo para o organismo, e que rapidamente suprime todas as dores, por violentas que sejam?

Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA



ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular (Registada).....	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramar Português (Registada).....	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colónias (Registada).....	—	64\$50	129\$00
Brasil (Registada).....	—	69\$00	138\$00
Outros países (Registada).....	—	64\$50	129\$00
	—	69\$00	138\$00
	—	67\$00	134\$00
	—	91\$00	184\$00
	—	75\$00	150\$00
	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA
os REUMATISMOS
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica

É o único frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias

Produits BÉJEAN - Paris

Excursões a preços reduzidos ao Triangulo de Turismo e ao Estoril com refeições nos hotéis de Estoril e Sintra

Nas estações de Cais do Sodré ou Lisboa-Rossio estão à venda, diàriamente, para estas excursões os bilhetes seguintes a preços reduzidos:

— De Cais do Sodré a Estoril-Sintra-Rossio, com direito a almoço no Estoril e jantar em Sintra, ou vice-versa

Por passageiro { 1.ª Classe..... 48\$00
2.ª Classe..... 42\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço e jantar no Estoril

Por passageiro { 1.ª Classe..... 45\$00
2.ª Classe..... 39\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço ou jantar no Estoril

Por passageiro { 1.ª Classe..... 30\$00
2.ª Classe..... 25\$00

5 RAZÕES

- 1.ª Uma só aplicação aguenta-se todo o dia.
- 2.ª Suprime completamente o luzidio.
- 3.ª Dá um aspecto «mate» e aveludado e uma beleza natural. Não forma placas.
- 4.ª Resiste ao vento, à chuva e à transpiração.
- 5.ª Fecha os poros dilatados. — Não seca a pele.



Pelas quais
o vosso
Pó de Arroz
deveria conter

“Mousse de Crème”

Esta ideia nova e surpreendente é aplicada ao Pó Tokalon, no qual a “mousse de crème” está cientificamente misturada com um pó fino e aerificado. Dum aveludado delicioso, refresca e estimula os tecidos cansados, tonifica a pele e dá ao rosto mais feio um aspecto “mate”, duma maravilhosa beleza.

O Pó Tokalon é o único verdadeiro pó de arroz com “mousse de crème”.

Uma só aplicação dura quatro vezes mais que a doutro pó ordinário.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à

AGÊNCIA TOKALON (Secção I. L.)

£8, Rua da Assunção
LISBOA

que atende na volta do correio.

ESTÁ QUASI ESGOTADO

Almanaque Bertrand

para **1936**

37.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 págs., ornado de 407 gravuras, cartonado **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.ª edição dos

Motores de Explosão

(COMBUSTÃO INTERNA)

pelo Engenheiro ANTÓNIO MENDES BARATA

Edição actualizada, tratando de todos os tipos de motores Diesel, e apresentando alguns tipos de novos carburadores. Este volume faz parte da magnífica Biblioteca de Instrução Profissional.

1 v.l. de 516 págs. com 490 gravuras, encadernado em percalina
Esc. 30\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda o 3.º milhar da

ALEMANHA ENSANGÜENTADA

POR AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 312 páginas, com capa ilustrada do pintor Roberto, brochado **12\$00**

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português, se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. — A vida alemã — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por AQUILINO RIBEIRO

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviado-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A força do Destino

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.ª edição actualizada
DE

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

DA Biblioteca de Instrução Profissional

pelo engenheiro João Emílio dos Santos Segurado

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.

1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado em percalina **30\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosissimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de ser posto à venda

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR CARLOS MALHEIRO DIAS

INDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho — Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire — Tristão de Ataíde — Plínio Salgado

1 volume brochado . . . **8\$00**



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA A 4.^a EDIÇÃO

Donas de tempos idos

pelo CONDE DE SABUGOSA

D. Maria Pia, a «Ribeirinha» — D. Beatriz, Condessa de Arundel e de Huntingdon — D. Leonor de Áustria — D. Beatriz de Sabóia — As metamorfoses da Infanta — D. Francisca de Aragão — El-Rei D. Sebastião e as mulheres — Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra — D. Isabel de Portugal.

1 vol. de 332 págs., broch. **12\$50**

Pelo correio à cobrança **14\$00**



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

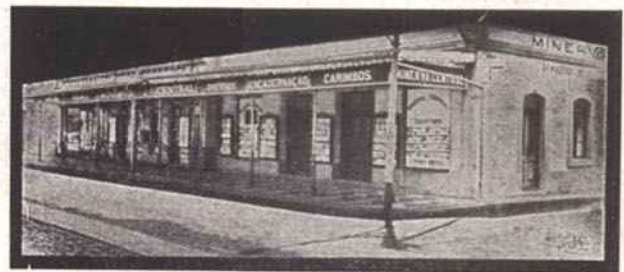
Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"** e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Como ela disse adeus à insónia

Noites após noites e o sono fugia-lhe... mas um dia aconteceu isto



A sua saúde e vitalidade... assim como a beleza do seu rosto... dependem principalmente dum sono regular e reparador. Mas nunca poderá gozar um sono natural se os seus nervos estiverem excitados ou cansados. O que lhe é necessário é tomar uma chavena de Ovomaltine antes do deitar. Esta deliciosa bebida supremamente rica em alimentos restauradores — acalma rapidamente os nervos e o cérebro produzindo um sono tranquilo e reparador. E enquanto dorme, a Ovomaltine renova a sua energia e dá-lhe abundante vitalidade para o dia seguinte.

Qualidade acima de tudo — Exija

OVOMALTINE

restaurador natural do sono

Cientificamente preparada com a mais fina qualidade de malte, leite e ovos, a Ovomaltine marca por si só um lugar. Tem-se tentado muitas vezes imitar a Ovomaltine, mas há sempre diferenças importantíssimas.

A Ovomaltine não contém açúcar comum para diminuir o preço em prejuízo da qualidade. A Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contém chocolate ou uma grande percentagem de cacau. Por todas estas razões a Ovomaltine é a suprema bebida alimentar para dar e manter uma saúde perfeita.

À venda em todas as farmácias, drogarias e mercearias em embalagens de 1 lata, 1/2 lata e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O imperialismo japonês entrou numa fase aguda, em consequência da tentativa de golpe de Estado assinalada pelos bárbaros assassínios de alguns dos políticos nipónicos mais em evidência.

Esta crise pode inquietar-nos, mas não nos deve surpreender. Quem acompanha o movimento político e social do Extremo-Oriente, sabe que a situação agora criada é a resultante inelutável da própria orgânica do Império do Sol Nascente.

À margem do povo e à parte das suas diversas camadas, existe no Japão uma casta militar, que se arroga direitos excepcionais e põe em prática o mais perigoso fanatismo nacionalista.

Em nenhum outro país esta divisão entre a classe militar e a classe civil é tão nítida e profunda. O Exército goza da mais larga autonomia e depende directamente do Mikado. Procede, portanto independentemente do Governo e assim se explica que os generais que operam na China e na Manchúria estejam por vezes em flagrante contração com as afirmações e as promessas de Tóquio, sem que isso represente duplicidade por parte dos diplomatas nipónicos.

O equilíbrio entre o poder civil e militar é, nestas condições, muito precário. O anacrónico resultante da existência duma casta autocrática em pleno regime democrático e parlamentar devia conduzir a um conflito. É o que acaba de suceder.

Outros povos ocidentais viveram já em condições semelhantes. A marcha do tempo, porém, aboliu prerogativas, nivelou as castas e fê-las integrar no conjunto da vida nacional. No Japão nada disto sucede. O culto da tradição domina tudo, impõe leis tirânicas e costumes absurdos. Seria necessário suprimir a tradição para que o progresso seguisse naquele país uma curva natural. Mas isso, por simples que pareça, seria mais que uma revolução.

No momento de escrevermos estas linhas a sorte da tentativa revolucionária japonesa apresenta-se ainda indecisa, embora se anuncie já a rendição dos rebeldes.

Só uma pequena fracção do Exército tomou parte na aventura. Mas os restantes, mantendo completa passividade, não mostraram com menos eloquência a sua simpatia pelo movimento.

Assim, ainda que a situação tenha por agora um desfecho favorável ao poder civil, o problema permanece insolúvel e carregado de ameaças.

Tanto quanto é possível avaliá-lo deste longínquo extremo da Europa, o panorama da política japonesa oferece o seguinte aspecto: Em torno do Mikado, cujo poder simbólico não é posto em litígio, defrontam-se dum lado os políticos e do outro a casta militar. Das massas populares há razões para supor que vivem alheias a esta luta pelo poder, pois o desenvolvimento económico e político do Japão não foi ainda seguido

CRÓNICA DA QUINZENA

da formação duma consciência social correspondente.

A luta tem-se travado, sobretudo, em torno das despesas militares, que representam no orçamento japonês uma percentagem que é das mais elevadas do mundo inteiro.

As recentes eleições resultaram numa vitória para o governo, que viu reforçada a sua maioria parlamentar. A decepção da casta militar deve ter sido a causa determinante da actual insurreição.

A possível vitória — presente ou futura — das idéias que originaram a actual tentativa do golpe de Estado em Toquio, chama de novo a atenção mundial para o «perigo amarelo».

Efectivamente, a modificação que esse facto implicaria na política externa do Império só poderia conduzir, num prazo mais ou menos breve, à guerra.

A posição anacrónica da casta militar dentro da sociedade japonesa encontrar-se-ia transportada para o plano internacional. As mesmas ambições e a mesma concepção fanática do nacionalismo que opõem hoje o Exército ao poder civil, produziriam amanhã o choque entre o Império e as outras potências.

Esta hipótese, vem, de resto, sendo considerada de longa data. Recordá-nos uma frase do industrial Henry Ford:

«A supremacia mundial será um dia disputada não entre a América e a Europa, mas entre o Japão e os Estados Unidos. Os nossos filhos procederiam talvez acertadamente se aprendessem a língua japonesa».

Nos hospitais de Madrid está a tentar-se, segundo lemos num jornal, uma experiência curiosa: a biblioterapia ou cura pelos livros. Durante longas horas as enfermeiras lêem aos doentes trechos de literatura cuidadosamente escolhidos. E segundo parece, os resultados são excelentes, porque os enfermos assim tratados curam-se muito mais rapidamente.

A ideia não tem nada de absurda. A leitura pode influir no estado da alma e, portanto, na marcha da doença. A melancolia que acompa-

nha numerosos estados patológicos poderá ser, por este meio, vitoriosamente combatida. E o optimismo, que, em seu lugar, se torna possível insuflar aos doentes, não será indiferente para a cura.

Se a ideia vingar, vai surgir, portanto, uma nova e difícil especialização médica: a do clínico encarregado de ministrar a literatura em estilos e doses apropriadas. E não é de todo impossível que as livrarias acabem por ter postos de socorros para casos urgentes

O Parlamento francês aprovou, por considerável maioria de votos a ratificação do Pacto com a U. R. S. S.

A existência desse Pacto vem servindo há longo tempo de pretexto para uma violenta campanha por parte da Imprensa alemã contra o que ela considera um instrumento de agressão dirigido contra o Reich.

A aproximação franco-soviética representa para a Alemanha um obstáculo grave à sua política externa. A solidariedade entre as duas potências é de molde a reduzir-lhe consideravelmente quaisquer veleidades de agressão quer para Leste quer para Oeste.

Mas como bons políticos, os alemães embora protestando, procuram tirar do facto as vantagens que êle ainda comporta. E assim, não deixarão de se servir d'êle como pretexto para remilitarizar a Renânia e o Sarre, o que de qualquer modo não será possível evitar mais tarde ou mais cedo.

Por seu lado, a França argumenta que o seu Pacto com os Soviéticos nada tem de comum com as alianças do antes da guerra e se conforma com os princípios da S. D. N. e da assistência mútua.

A distinção, embora verdadeira, é subtil. E é de recear, por isso, que não exerça na marcha ulterior da política mundial uma grande influência.

O resultado das eleições espanholas causou geral surpresa, até mesmo àqueles que por elas obtiveram o triunfo.

Que saibamos ninguém se atreveu a prever a vitória da «Frente Popular». Os próprios dirigentes socialistas e da Esquerda Republicana manifestavam antes da votação uma grande reserva, o que tanto pode atribuir-se a um prudente cálculo como a uma consciência incompleta da sua própria força.

A vitória das Esquerdas, sendo embora de consequências profundas para a política espanhola, tem contudo um carácter efémero. Dado que o governo actual consiga realizar o programa mínimo da «Frente», o acordo entre as facções que compõem esta termina nesse mesmo momento dadas as divergências ideológicas entre as existentes.



«Vista de Minas Gerais»

O grande escritor Carlos Malheiro Dias acaba de publicar um novo livro que intitulou: «Pensadores brasileiros» e classificou de «pequena antologia». Transcrevemos um trecho do Prefácio que nos dá uma ideia da nova maravilha saída da sua mão prodigiosa:

Au! mas vós tivestes de dispersar toda essa opulência, todas essas fontes de energia vital, por um território mais continental do que nacional, se o tivésemos de classificar pelas suas incríveis dimensões! Sem dúvida, a Europa vos ajudou no formidável empreendimento. Mas não ajudaram também a custear o progresso da Europa as riquezas da Ásia, o ouro do México e da África? Não contribuíram para a sua civilização as civilizações mais antigas? Não contribuístes também para a sua opulência comprando-lhe as máquinas, as locomotivas, os trilhos, os navios?

A herança descomunal que herdastes de vosso tutor ibérico, e que hoje vos oprime, representa a fiança de vossos imprevisíveis destinos no mundo. As selvas se abaterão diante de vós. Um dia a ordenação da natureza será obra vossa, como na Europa, onde não existe hoje uma árvore que não tenha sido plantada pelo homem! Um dia regularéis o ritmo dessa natureza indomável, agressiva e tumultuária, por quase toda a amplitude dos vossos domínios! Um dia os vossos descendentes visitarão os parques zoológicos para poderem contemplar um raro espécime da sacuri e da cascavel!

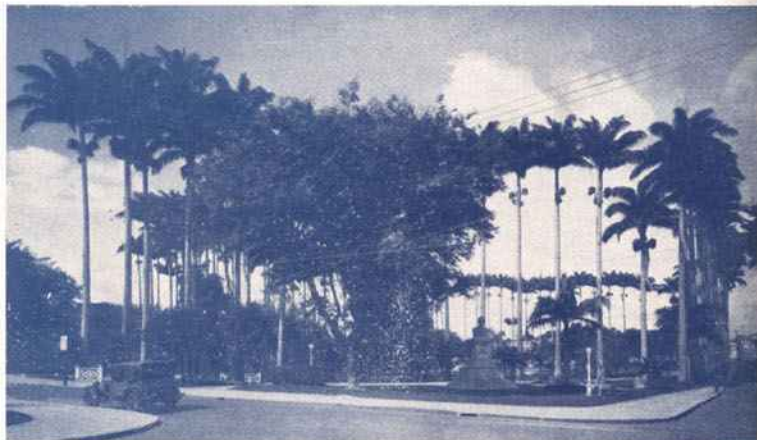
Uma natureza indócil, recalcitrante, invencível? Não.

Enquanto escrevo, nas pausas requeridas pela reflexão, contemplo um vasto panorama de terras já escravizadas ao homem. Estou convalescendo numa pequenina cidade do Sul de Minas. As montanhas, em redor, limpas das antigas e melancólicas florestas, são pastagens verde-claras onde pasta o gado manso. Nos vales extensos, até meia encosta das colinas sinuosas, sucedem-se as culturas: campos compactos de milho, vinhas geométricamente alinhadas, pomares odoríferos,

hortas frescas. As aves voam e gorgejam: canários da terra, pintassilgos, coleiros, salsiás e pombas rôlas. Ouço a cantilena lucólica das águas, os mugidos dolentes do gado. Há no ambiente a serenidade da posse, depois do amplexo amoroso. Avisto com o pensamento a prolongação no espaço e no tempo desta obra de domínio: toda a imensa terra brasileira, com as suas selvas e cachoeiras, convertidas à obediência do homem, a sua braveza nativa transformada em mansa servidão. Esta paisagem virgiliana dissipou o pesadelo de Gobineau, de Bencke, de Waldo Frank...

De-erto, não vai ser fácil, nem essas marchas para a incógnita do futuro se fazem com a rapidez da fantasia. Pensaí que há pouco mais de quatro séculos, apenas, a América emergiu das águas, perante a surpresa maravilhada dos nautas, desencantada dos mistérios cósmicos, e nasceu para a convivência dos povos e para a civilização quando já há muito tinham desalado as civilizações egípcia, caldaica, cartaginesa, grega e romana. Pensaí que sois o Benjamin dos povos, a nação caçula do universo; que o vosso destino está ainda no berço; que infalivelmente desempenhareis através da seqüência das gerações uma função providencial, em um ciclo futuro, possivelmente não remoto, da humanidade.

Tereis de vencer dificuldades ingentes, pois nem tudo se resolve pela filosofia, pela cultura, pelo idealismo patriótico; mas importa que não vos deixeis desanimar pela injustiça dos que não compreendem ainda a decisão do vosso esforço



Um trecho de Campina

AS DUPLAS

PENSADORES BRASILEIROS

Um novo livro Carlos Malheiro Dias

e do vosso sacrifício e não sabem medir com os seus olhos míopes o poderio de vosso porvir.

A Ásia foi o primeiro berço da civilização, que depois se expandiu, gradualmente, pelos litorais africano e europeu do Mediterrâneo, acabando por fixar-se na Europa, onde se elaborou um novo e pujante ciclo da história da humanidade, iniciado pelos povos mestiços meridionais e bárbaros das regiões centrais e setentrionais, que nos assustam nas narrativas de Tácito. Avinha-se o novo ciclo da história da civilização com a participação da América repovoada e civilizada pelos europeus e seus descendentes? A futura e provável hegemonia americana não significará, todavia, a paralisia da milenária Europa, mas a sua insuficiência geográfica para conter a incessante progressão demográfica e a marcha vertiginosa da sua civilização. O que está em franca decadência na Europa parece serem as doutrinas que presidiram ao seu desenvolvimento no século xix e a concepção materialista da vida social, estimulada pelo orgulho dos progressos da ciência, que precipitou do seu trono o espiritualismo. Física e moralmente, a população europeia não revela, porém, nenhum estigma de decadência, pois continua reagindo contra os males e os erros que lhe perturbam a existência. Não maldizeis da Europa, de onde recebeste todo o bem e todo o mal, e da qual a América é uma reedição em vias de uma correção quase fundamental, e cuja influência irá sucessivamente crescendo até à comparticipação nos destinos incognoscíveis do mundo. Mas não maldizeis da Europa não quer dizer que lhe obedecais.

Não serei eu, que compartilho da vossa vida; que trago nas veias uma parte do sangue brasileiro, provindo da fonte materna, que compreendo com um sentimento de família a vossa inquietude e participo das vossas atribulações como das vossas esperanças; não serei eu que

arrefeça o vosso entusiasmo quando vos ouço declamar o manifesto em que um idealista, como um aedó, lançou entre vós, adolescentes do Brasil, o credo integralista, arremessando-se contra as ideologias condenadas, novo Perses acometendo o dragão.

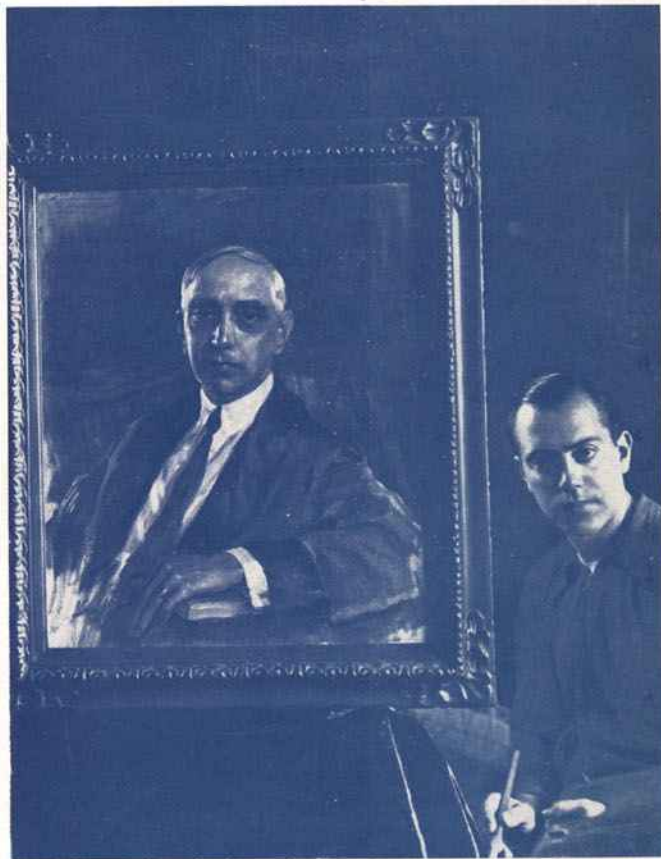
A oração fremente, à imagem daquela outra oração admirável e empolgadora composta por Gilberto Amado na comemoração do centenário da independência, com o seu ritmo de hino, o sentimento quase religioso das suas apóstrofes, solene como uma jaculatória, exaltador como uma marcha, é das mais eloquentes exortações propiciatórias dirigidas ao Criador pelos destinos do Brasil:

«Tu, Destino dos Povos, vontade desconhecida, que ages no fundo das eras, através das transformações numerosas e constantes do Espírito do Tempo!... Força providencial, que determinaste as migrações das raças e tangeste nações em marchas de conquista, fundando as religiões e estabelecendo os impérios!... Tu, destino dos Povos, dá ao Brasil o seu instante de afirmação, proporciona-lhe a hora da sua palavra no Mundo!... Destino dos Povos, arrazanos com um cataclismo, se tivérmos de ser um povo tributário; se tivérmos de ser um aglomerado de adventícios; se tivérmos de legar aos nossos descendentes um exemplo de passividade, que seria uma traição ao sacrifício dos nossos antepassados!»

Os vossos antepassados! Depois das gerações que haviam acabado por desdenhar da filosofia e da história, como sua estranhamente bem, tal o acorde de um hino novo, esta invocação, que reivindica o espírito de continuidade, e afirma a aceitação tácita dos factos consumados, da mescla de três raças, com que de uma selva desmesurada se fez uma das maiores nações do orbe, unida pela religião, pela língua e pelo sentimento, soldada por um nacionalismo ancestral e inquebrantável, que prolonga sob os céus americanos os ecos da luta do semi bárbaro Viriato contra as disciplinadas legiões romanas!

Esses comuns avoços receberam da providência um Destino e o cumpriram com o suor do rosto e o sangue das artérias. Porque não haveriam os descendentes, donos de um património opulentíssimo, de cumprir o seu?

Se duvidais de vós reflecti um pouco no que foi aquele destino gloriosamente cumprido. Era uma população minúscula, que não prefazia sequer os dois milhões, espalhada por vales, serras e cidades fortificadas, com um território não maior que uma fazenda de criação dos latifundiários goianos! E quiz o Destino dos Povos escolhê-lo para a missão heróica de devassar os incógnitos oceanos, de abrir com as quilhas das naveas os grandes caminhos inter-continenteis de revelar as ilhas e os continentes desconhecidos, de executar o périplo africano, de



Retrato de Carlos Malheiro Dias, tendo ao lado o pintor Medina, seu autor

ligar pela primeira vez na história do mundo a Europa à África, a África à América, a América à Ásia no decurso da viagem de 1500... E concedeu-lhe o Destino, por um momento que vale em glória por uma eternidade, o domínio da Índia, da Pérsia, do Brasil e da África, a regência de um império com dezasseis milhões de quilómetros quadrados de superfície! E para que tamanha proeza fosse possível, dotou-o com uma pleiada de super-homens espantosos, de gigantes com estatura de epopeia, príncipes, estadistas, pilotos, sábios, conquistadores, missionários, que se chamaram Infante D. Henrique, D. João II, Bartolomeu Dias, Pedro Nunes, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, D. João de Castro, D. Luis de Ataíde, Mem de Sá, Manuel de Nobrega; e deu-lhe, finalmente, um poeta genial para imortalizar a nova Odisseia. Ateniái bem: era um país menor do que Serpique, com uma população menor que a capital do Brasil, e do qual o Brasil chegou a ser uma província! Ao monarca dessa nova Roma dos mares, os soberanos e potentados de Calicut, da Pérsia, da Etiópia e de Ceilão, os régulos da África, como o bárbaro príncipe dos

Jalafos, mandavam seus embaixadores e emissários. A D. João III trazia o enviado do rei de Cota a estátua de ouro do primogénito para que o coroasse em efígie! Por falta de sucessão directa, os reis orientais de Ternate, Ceilão e Colombo, legavam os estados ao rei de Portugal! Tudo o que caracteriza um grande império, no significado romano da palavra, se estampou na frente do Portugal quinhentista. Não lhe faltou sequer a aura belicosa. As viagens trans-ocênicas custaram hecatombes. A Índia foi um perpétuo campo de batalha durante meio século. Os guerreiros dessa liada oriental lavavam a mesma grave e imponente linguagem dos varões de Plutarco. E todas essas acções imortais, o cumprimento sobrehumano dessa missão naval e guerreira, constituem o prólogo prodigioso da Idade Moderna.

Este pequeno livro encerra um vestígio da substância pensante que alimenta o vosso ideal, um reflexo das constelações mentais que iluminam a vossa marcha acidentada no rumo dos pifanaltos, na direcção do Oriente, desse claro de aurora, que as vossas esperanças, senão os vossos olhos, já enxergam no longínquo horizonte.



Joana d'Arc ouvindo as vozes interiores que a impellem a salvar a França
(Escultura de Chapu)

QUANDO em 1874 o escultor Chapu idealizou a estátua de Joana d'Arc, procurou modelo condigno em toda a região de Orléans. Entre tantas raparigas graciosas que se apresentaram, nenhuma reunia as qualidades físicas da "Pucelle", pelo menos, aos olhos do artista. Chegou a dizer-se que o escultor, na impossibilidade de conseguir um modelo à altura da sua concepção, desistiria do seu trabalho.

Um belo dia, deparou com uma jovem de quinze anos que era, sem tirar nem pôr, a autêntica donzela de Orléans nos belos tempos em que escutava as vozes interiores a impeli-la para a jornada gloriosa que libertaria a sua pátria.

Era aquela, sem dúvida, a Joana d'Arc que lhe aparecera em sonhos a inspirá-lo para a obra a realizar em homenagem à desventurada queimada por hereje, e mais tarde santificada pela Igreja.

Encontrara, finalmente, o modelo.

Tratava-se duma pobre rapariga chamada Joana Valere Lancau, filha de

A MORTE DOUTRA JOANA D'ARC

gente humilde, que se dedicava, como a heroína francesa, a pastorear gado.

Que mais poderia desejar o artista? Quando menos esperava, encontrou uma pastorinha de Orléans, chamada Joana, que reunia todos os requisitos de um modelo ideal!

Começou logo a estátua que havia de tornar-se famosa, com grande orgulho do escultor... e da pastorinha que se considerava uma autêntica Joana d'Arc.

Decorreram muitos anos, e a donzela, indo parar a Paris, começou a definir-se numa tristíssima velhice. Sem família que a amparasse, era forçada a trabalhar na confecção de ligas para senhora com o que mal conseguia pagar o mísero cubículo em que vivia e as amargas sopas de que se alimentava. Tinha setenta e sete anos de idade, mas não se esquecia nunca

de citar o facto de ter sido modelo da celebrada estátua de Joana d'Arc que se venera no Museu do Luxemburgo.

— "Ah! nesse tempo — dizia ela — eu era uma rapariga tão desenxovalhada como a "Pucelle" de Orléans o deveria ter sido. O artista que me escolheu para modelo garantiu que eu era tal e qual uma Joana d'Arc como as estampas antigas a representam. E, quanto ao resto, se fôsse preciso, era capaz de pegar em armas para defender a minha pátria. Tivesse sido preciso, e veriam se eu não era capaz de dar sinal de mim... "

— Para ter a paga que a outra teve? perguntavam as visinhas que a disfrutavam.

— Se calhar era a sorte que me esperava...

— Olhe, tia Joana — tornavam elas — foi melhor assim... se a havíamos de ver atada num pau, a assar como uma rez em dia de bôda entre os abexins, valeu-lhe mais não armar em Joana d'Arc, e limitar-se a ser o que sempre foi — a

senhora Joana Lancau que todos nós respeitamos.

— E doutra maneira não me respeitavam? — perguntava a velha a abespilhar-se — Olhem que lá por eu levar a minha vida a fazer ligas para senhora, nunca deixei cair as minhas para que um rei as apanhasse como o outro da Ordem da Jarreteira... Antes morrer como a Joana d'Arc, do que viver como a outra com tais condecorações.

— Não se esqueça, no entanto, de que o rei foi dizendo para que todos o ouvissem que não puzessem malícia na sua acção — "Honny soit qui mal y pense". — Isto não fez o rei da França quando puzeram a jarreteira de fôgo à pobre da Joana d'Arc no patíbulo de Ruão.

— Lá isso é verdade... Nesse ponto o rei de Inglaterra mostrou ser mais cavalheiro que o seu colega francês...

— Já vê que se livrou de boa!

— Ora! hoje em dia, já não há fogueiras para queimar herejes, quanto mais santos... O que lhes digo é que se nos meus tempos a França precisasse de mim, havia de servi-la com a mesma coragem da Joana d'Arc.

— Acreditamos.

— E podem acreditar. Foi um grande escultor que me escolheu para modelo da Pucelle d'Orléans!

E era vê-la, plena de pujança, no seu pedestal, arvorada em Joana d'Arc, mas Joana Lancau na sua expressão varonil. Decorridos sessenta e dois anos — uma longa vida! — a heroína não sentia saudades do seu passado, sentia orgulho do que fôra. E, passados tantos invernos, julgava vê-se ainda jovem, visto que se mantinha perene na pedra que a retratava.

Julgava-se Joana d'Arc.

Pobre Joana Lancau! Era esta a sua fraqueza, embora supuzesse ser a sua maior força.

Há dias, os jornais parisienses trouxeram a notícia de que a pobre morreria carbonizada no miserável cubículo que lhe servia de abrigo e, onde, trabalhando na confecção de ligas para senhora auferia os magros proventos com que se mantinha, e que mal chegavam para a sua parca alimentação!

Orgulhando-se tanto em ter sido Joana d'Arc, acabou por morrer, como ela, abraçada pelo fôgo!

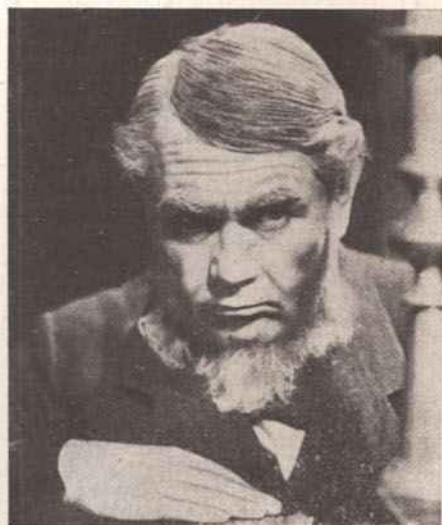
UMA HISTÓRIA DE ELEFANTES



vive desde a primeira infância entre os elefantes dum príncipe e que o mais velho dos paquidermes leva um dia aos recessos profundos da floresta a assistir à cerimónia fantástica que reúne os elefantes vindos de tôdas as partes da selva. O protagonista, um jovem índio que vemos reproduzido nas gravuras juntas, revela ao que se diz prodigiosas faculdades de actor.

DUM dos melhores livros de Rudyard Kipling, "Toomai dos elefantes," extraiu-se um film que Robert Flaherty realizou na Índia, no Estado de Mysore. E' a história dum rapaz que

KRUGER RESSUSCITADO NO CINEMA



No filme inglês "Cecil Rhodes," a nobre figura do Presidente Kruger é evocada pelo actor vienense Oskar Homolka. As duas gravuras que ladeiam o desenho da época aqui reproduzido representam

a notável incarnaçãõ de Homolka, cuja semelhança fisionómica acentuada por uma hábil caracterização se revela assombrosa. Todo o filme foi cuidado de forma a constituir uma evocação historica rigorosa.



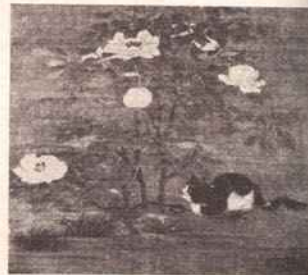
A estátua de Maitreya Buda que figurava no "hall" de Burlington House

A alma oriental recebeu recentemente em Londres uma justa e magnífica consagração por parte dos povos da raça branca. As obras mais representativas da sua arte requintada e milenária foram exibidas na capital do Império britânico e perante elas desfilou reverente um público curioso e culto.

Esta grande exposição da arte chinesa foi organizada pela Real Academia de Inglaterra e teve o alto patrocínio do falecido rei Jorge V e da rainha Maria, sua mulher. A ela concorreram não só os museus e colecionadores britânicos, mas também o Governo chinês que, tendo apaziguado as legítimas inquietações do seu povo, confiou aos riscos dum longa viagem os valiosos tesouros artísticos de que é depositário. Por sua vez a Suécia, a Dinamarca, a Rússia, a Turquia, a Alemanha, a Índia, o Japão, a Colombia e os Estados Unidos enviaram também as preciosidades que possuem. Deste último país veio mesmo a colossal estátua de Maitreya Buda, de perto de sete metros de altura e com o peso de três toneladas, que decorava o "hall" da entrada da exposição. Este importante exemplar, que



Em cima: Trecho duma pintura da dinastia de Sung, de autor desconhecido. À esquerda: Paisagem de inverno e de artistas da mesma época



teresse. Uma série de eruditas conferências, realizadas durante o período que a exposição se encontrou patente, contribuíram também para esclarecer estudiosos e amadores sobre alguns dos mais importantes problemas relacionados com a arte chinesa através dos tempos.

Dissemos já que a classificação dos três milhares de exemplares exibidos obedecia a uma ordem cronológica. Assim, na

UMA RETROSPECTIVA DE QUARENTA E CINCO SÉCULOS

A GRANDE EXPOSIÇÃO DE ARTE CHINESA EM LONDRES

A grande exposição de Londres realizou-se em Burlington House. As salas deste edifício foram adaptadas à circunstância. Revestiram-se as paredes com um tecido de cor creme, fabricado à mão por artifices do Extremo-Oriente.

Os exemplares expostos eram em número de 3.080 e encontravam-se divididos por onze galerias numeradas e quatro outras suplementares. A disposição obedeceu ao critério didático: classificação por dinastias ou períodos.

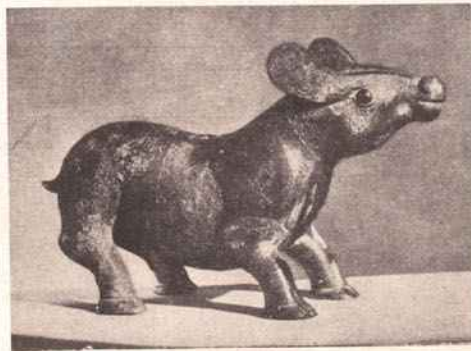
Coube este difícil e erudito trabalho de ordenação à comissão organizadora, presidida pelo conde de Lythorn e Quo Tai Chi, embaixador da China, que juntamente com sir Percival David e o dr. F. T. Cheng, comissário especial do Governo chinês, foram os verdadeiros animadores desta excepcional manifestação artística.

O catálogo da exposição, minucioso e admiravelmente ordenado, foi prefaciado por Laurence Binyon, que numa síntese perfeita, traçou as grandes directrizes da arte chinesa, desde as suas origens até aos nossos dias.

A exposição teve em Inglaterra, como era de esperar, as proporções dum acontecimento nacional. De todos os pontos do país acorreram visitantes, aos quais as companhias de caminhos de ferro proporcionaram grandes reduções de tarifas. Importantes facilidades foram também concedidas às escolas e aos turistas. De modo que a exposição pôde ser admirada por todas as camadas da população, entre as quais uma inteligente divulgação feita pela imprensa despertara grande in-

primeira galeria viam-se os objectos pre-históricos, constituídos sobretudo por bronzes talhados para servirem de armas, adornos ou utensílios. Os relevos ingénuos, fortemente acentuados, revelam os primeiros esboços duma arte primitiva que não tardou em encontrar o caminho da sua natural evolução.

Nas galerias seguintes encontrava o visitante representado o esforço artístico da dinastia de Han e das "Seis dinastias", que lhe sucederam, cobrindo cerca de seis séculos da história chinesa — do ano 25 a 589 da nossa era — durante os quais as tendências de estilo e requinte se definem e precisam. O artista chinês, que viveu sempre em íntimo contacto com a natureza, começa aqui a manifestar o seu gosto na escolha dos motivos. Uma vez reproduz fielmente plantas e animais, com esse realismo especial que o homem do ocidente não compreende bem se não conhecer as características particulares



Em cima: Veado em porcelana, da época dos Sung. À esquerda: "Pescos num dia de nebulosidade" por um artista desconhecido



ram consagradas às dinastias de Tang e de Sung, que compreendem o período que vai do ano 618 ao ano 1279. O realismo acentua-se e as aplicações da arte aumentam. As indústrias de tapeçarias e tecidos buscam a colaboração dos pintores. Cresce também o número de materiais empregados. Os escultores trabalham o bronze, o mármore, a pedra negra e a pedra branca, em combinações de surpreendente efeito. Cinzeladores de génio modelam com paciência infinita o ouro, a prata, o marfim e a pedra jade. Milhares de objectos de arte e de uso nascem assim das mãos de artistas privilegiados, testemunhando uma civilização cheia de requintes.

Na última fase deste período, a cerâmica

da paisagem do Extremo Ocidente. Outras vezes, porém, dá largas à fantasia e estiliza os seus motivos a ponto de dar origem a essa série de monstros e dragões, que o tempo consagra, avolumando-lhes o sentido simbólico, e que são um dos elementos típicos da arte do Extremo Oriente. Buda é um tema tratado com frequência em que se afirma uma das qualidades fundamentais da pintura e da escultura chinesa — a serenidade. As galerias imediatas fo-

A DIREITA: "Fátuas e flores de pessegueiros", pintura em seda de Cuiyün-Sun, da dinastia de Yuan. Em baixo: "Veado fantástico em bronze"



mica recebe um grande impulso e atinge a perfeição definitiva, ao mesmo tempo que os desenhadores, com um curioso espírito de simplificação, nos revelam a graça viva do traço puro.

A dinastia Yuan, que se sucede, prolongando-se até ao ano de 1368, mantém este elevado nível artístico. Pintores, ceramistas e desenhadores parecem engajar-se em criar dificuldades só para as vencerem com os seus recursos que têm qualquer cousa de prodigioso.

Com a dinastia de Ming, cuja representação ocupava uma das galerias seguintes, a arte chinesa entra de transformar-se. O Ocidente entra em contacto com o Oriente por intermédio das viagens e des-

cobrimentos dos portugueses. Desde o século XIII que Marco Polo revelara à Europa a existência do grande Império Celeste no seu célebre "Livro das Maravilhas". Mas só no século XVI a abertura de rotas marítimas veio tornar efectiva a ligação entre os dois extremos do grande continente euro-asiático. Os portugueses introduzem na China uma civilização diferente, que os artistas orientais se apressam em assimilar com os meios poderosos de que dispõem. É assim que se explica a existência de exemplares do século XVII como esse extraordinário biombo cujo fundo de laca e ouro se apresentava povoado de figuras holandesas.

Tal é, em síntese, a história da arte chinesa, cuja eloquente documentação os visitantes de Burlington House admiram.



— Entre, sr. doutor. Meu marido acaba de tomar o remédio. Mas como se esqueceu de agitar antes de usar...

UM estrangeiro foi certo dia apresentado a um coronel brasileiro. E no decorrer da conversa ocorreu perguntar-lhe:

- Tomou parte na guerra do Paraguai?
- Não senhor — foi a resposta.
- Julguei. Como pertence ao Exército...
- Mas eu não pertenço ao Exército.
- Ah! Nesse caso é coronel honorário?
- Nada disso. Há por aí muita gente que se enfeita com títulos, que não lhe pertencem. Mas eu tenho todo o direito. Casei com a viúva do coronel Soares.

Conta-se que certo capitão do Exército norte-americano era especialmente cuidadoso com o tratamento dos soldados que serviam sobre as suas ordens. Vigiava por que lhes fossem dadas boas e abundantes rações, que os fardamentos estivessem em bom estado e a roupa das camas de acordo com as mudanças da temperatura.

Ora certo dia em que a sua companhia bivacava num campo de manobras, o capitão viu dois soldados que saíam da cozinha de campanha carregados com um enorme caldeiro.

ANECDOTAS

— Venham cá — gritou-lhes. — Deixem-me provar isso...

Os recrutas aproximaram-se, pousaram o caldeiro no chão, fizeram a continência e um deles disse:

— Mas, meu cap...

— Não há mas, nem mais mas... Arranjem uma colher.

Um dos recrutas apressou-se a obedecer. Momentos depois aparecia com a colher. O capitão pegou nela, encheu-a de caldo, saboreou-o e disse encolerizado:

— É então a isto que vocês chamam uma sopa?

— Não, meu capitão. Nós não lhe chamamos sopa. É água de lavar os pratos...

Perante um juiz compareceu um homenzito baixo, calvo, com uns enormes óculos. O magistrado consultou apressadamente os papeis que se amontoavam na sua frente e dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

— O reu é acusado de provocar constantes desordens. Que tem a alegar em sua defesa?

O homem agitou se, pigarreou, tomou atitude e começou a dizer:

— Senhor doutor juiz! Sou vítima de calúnias. Não tenho a eloquência de Cícero nem a profundidade de Platão...

— Está bem, está bem! — atalhou o magistrado. — Quinze dias de prisão.

E voltando-se para o agente que introduzia os presos na sala.

— E tome nota dêsses dois cavalheiros que êle citou para os termos debaixo de ôlho, porque devem ser tão bons como êste...

O bandido conseguiu introduzir-se na casa e estava ago-

ra, armado dum ameaçador revólver, junto do dono da casa que tremia como varas verdes.

— Promete poupar-me a vida se lhe disser onde guardo o dinheiro? — balbuciou êle por fim.

— Prometo.

— Está no cofre dum B-b-banco.

Alguém disse certo dia a Marie Corelli, célebre escritora britânica, que corria o boato de que ela se casara secretamente. A autora de "Sorrows of Satan," respondeu furiosa:

— Para que quero eu um marido? Tenho um cão que ladra tôdas as manhãs, um papagaio que diz obscenidades tôda a tarde e um gato que fica fóra de casa tôda a noite.

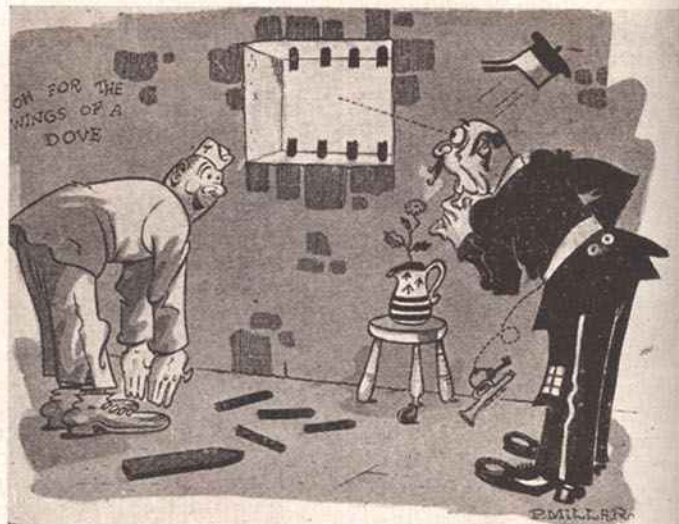
J. H. Thomas, antigo ministro britânico, tem um espírito muito apreciado na côrte inglesa. Certo dia entrou no palácio real da Escócia levando na mão uma corda que arrastava pelo chão. Á primeira pessoa que encontrou, perguntou:

— Viu por acaso o Homem Invisível?

Tantas vezes fez a pergunta que acabaram por o interrogar:

— Mas para que procura o Homem Invisível?

— É que — explicou apontando a ponta da corda pendente — encontrei o cão dêle...



— Queira desculpar, sr. carcereiro, mas o médico disse-me para fazer exercício tôdas as manhãs diante duma janela aberta.

FESTAS ESCOLARES

No Colégio Militar

Bobela da Mota Declo Freitas, Ramires Ribeiro Oliveira Rodrigues, Almeida Pinheiro e Barros Teixeira. Gargalhadas e palmas sem conto.

Executou-se ainda a fantasia «Branco e Preto», original de Gusmão Nogueira — o grande herói da noite — fantasia que fez delirar a assistência pela graça de todos os seus quadros. Destacaram-se nela os «Ballados Rusos» e o «Baile dos Apaches», trisados e realizados por Oliveira Rodrigues e Alcino Ferreira.

Tiveram no espectáculo acção digna de relevo a sr.^a D. Ema Cordeiro, na encenação; e D. Encarnação Fernandes, na marcação da dança; Leote do Rego, como ponto, e Mariano de Amorim, como «compère», num tipo de policia característico e digno de ser enfileirado entre os que deram consagração a alguns dos nossos melhores actores cómicos.

Finda a récita, deu-se começo a um baile, que durou até romper o dia.



Em cima: Alguns dos intérpretes da representação no Colégio Militar. A' direita: Uma cena nos camarins

No dia 15 deste mês o velho Colégio da Luz, onde se têm formado tantas e tantas gerações militares, vestiu suas galas para uma récita — a récita de despedida dos alunos do 7.º ano — e um baile, que foram sem dúvida, dos mais brilhantes desta época. O ginásio, onde ambos se realizaram, encheu-se por completo. Um bem contado milhar de pessoas ali esteve, e, entre êle, contavam-se por centenas gentis senhoras, que pela sua elegância e beleza deram à noite do Colégio Militar a nota de maior e mais inolvidável encanto.

Abriu o espectáculo por uma fala do aluno Joaquim de Freitas Morais, a agradecer a comparência do director, sr. brigadeiro Magalhães Correia, do corpo docente e das famílias dos seus camaradas.

Depois realizou-se a representação do espiroituoso episódio «Que teimoso!» da autoria do ex-aluno Pedro Bandeira, musicado a primor por Manuel Ribeiro, e interpretado pelos alunos Gusmão Nogueira,



No Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho

de Leonor Teles, da padeira de Aljubarrota, de Maria Alcoforado, de Felipa de Vilhena, da marquesa de Alorna e da Maria da Fonte.

Em seguida, a menina Natércia T. Aldeia executou no violino a «Dança húngara n.º 5» de Brahms.

Um grupo de lindas raparigas interpretou «Leques», quadros movimentados, manifestação coreográfica de bom gosto.

Por último, todo o curso organizador da festa cantou a clássica «Balada de Despedida», finalizando a récita com a execução do hino do liceu, pelo orfeão.

A assistência aplaudiu, com entusiasmo, todos os números do programa.



Em frente: As alunas que tomaram parte no desempenho do «Infante de Sagres». Em baixo: Um aspecto da assistência

As alunas da 7.ª classe do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho realizaram naquele estabelecimento de ensino a festa de despedida, que teve a maior animação e constituiu um belo espectáculo.

A festa começou às 15 horas, com o hino nacional entoado pelo orfeão. Seguidamente, representaram-se algumas cenas do 1.º acto da peça «Infante de Sagres», da autoria do dramaturgo Jaime Cortesão, que as alunas parodiaram em seguida, arrancando gargalhadas à assistência, pelos termos alusivos à vida académica e por algumas peripécias de saboroso recorte cómico.

Foi dançado um lindo minuetto com efeitos de luz; a aluna M. Luiza Cascais executou ao piano as danças espanholas de Oranados e houve descantes pelo grupo coral do liceu.

Programa cheio de interesse em que a mocidade esufiante de lindas e gentis raparigas desempenhou o principal papel.

A segunda parte abriu com a representação de «Bustos Falantes» (mulheres portuguesas), versos do escritor D. Alberto Bramão. Apareceram numa maravilhosa evocação, os vultos da rainha Santa Isabel, de Inez de Castro,





A indústria do vidro tem uma origem antiquíssima: o seu início data do período da civilização fenícia, em Sidone, desenvolvendo-se depois em Roma e em Bisacno, onde alcançou grande esplendor. Veneza florescia antes do século XII.

No dia 17 de Outubro de 1285, um decreto de Venetia proibia toda e qualquer exportação de fragmentos de vidro, de areia, de alumina ou de outra matéria vitrificável. Entretanto, eram adotadas as mais severas disposições para evitar que os segredos da produção do vidro passassem as fronteiras da República. Por sua vez, os vidreiros coligavam-se em corporação para maior garantia da sua defesa.

Assim se robusteceu esta indústria. As fábricas de vidro iam surgindo em Veneza. Mas a sua vizinhança tornava-se perigosa. Raro era o dia que não dessem origem a incêndios que quasi sempre faziam vítimas, além dos graves prejuizos. Para salvar a cidade de tão grande perigo, um decreto da Serenissima ordenou que a «indústria do fogo» passasse para a ilha de Murano, e ali se concentraram todas as fábricas de vidro.

Dentro em pouco, Murano tornou-se a ilha do Fogo, produzindo tais maravilhas, que teve, durante séculos, todo o mundo tributário da sua admiração e das suas encomendas.

No primeiro Renascimento atingiu a máxima superioridade técnica e artística.

Mas no século XV alguns operários, não resistindo ao suborno, traíram os segredos da fabricação.

Pouco depois, a «indústria do fogo» aparecia na Toscana, e no estrangeiro, especialmente na Inglaterra, na Alemanha e na Espanha.

Começou então a decadência de Murano: no século XVI as suas fábricas eram 40; com o decorrer dos tempos ficaram reduzidas a 15.

Ainda assim, a sua produção de vidrarias em 1928 era de cerca de 80 milhões de litros sobre os 150 milhões representados pela produção nacional do vidro.

Embora esta quantidade seja hoje exportada, a cifra é sempre notável. Compreende além dos vidros soprados, os esmaltes opacos ou translúcidos, as murinas, as filigranas, as pérolas, a luz,

A «Indústria do Fogo» em laboração

os mosaicos, as cristalarías industriais, os vidros neutros e científicos.

Os mestres de arte tinham diminuído. Dos seis mil que foram, só restavam 2000, incluindo neste número, mestres, operários, aprendizes, montadores, racha-lenha e até barqueiros... Em tais condições, a Itália estava para tornar-se tributária do estrangeiro com 55 milhões de liras para cristalarías.

Urgia salvar uma indústria com tão gloriosas tradições.

Foi o que se fez, por fim. E, caso curioso! nos fornos de Murano é ainda queimada aquela lenha que em 1881 despertava maravilhas ao Henrivaux, enquanto que há mais de setenta anos, estão, noutros lugares, em plena eficiência estudadíssimos fornos a semi-gaz, a gaz. Mas, em boa verdade, isto não prejudica a qualidade da produção, limita-se a diminuir-la.

Este centro máximo da indústria nacional de vidrarias, para reconquistar vigor, estabeleceu um Instituto Nacional do Vidro, com sede em Murano e Veneza, compreendendo uma Estação Experimental e uma Escola Profissional.

Os vidreiros muranenses procuraram sempre melhorar a própria técnica, com o auxílio de todas as inovações sugeridas pelo progresso; sob o ponto de vista artístico, puzeram-se sempre à altura dos novos tempos. Hoje, em Murano, quasi não trabalham naqueles multicores vasos opacos que formavam, até há vinte, ou dez anos atrás, a delícia do público burguês, mas objectos que respondem às exigências da arquitectura e do aparelhamento moderno, tanto para a iluminação dos ambientes, como para a decoração das mesas. Se assim não fizesse, Murano teria perdido muito do seu antigo prestígio. Vem a propósito evocar as velhas crónicas venezerias, falando de príncipes, reis e imperadores: «Foi conduzido a ver o tesouro de Missir S. Marco e a ver fabricar vidros em Murano». E também: «Monsignor De Vendone, com os outros senhores franceses, foram com pequenas barcas a Murano a ver fabricar vidros do Anzotto Barovier, e, vista a loja, lhe foi dito que se servisse do que mais lhe aprazia».

A arte vidreira é, portanto, uma gloriosa he-

NA ILHA DE MURANO AS MARAVILHAS DA INDÚSTRIA DO FOGO,,

Como se trabalha vidro há 600 anos

rança para a população muranense. Aos tempos da Serenissima, os seus mestres eram considerados como depositários da glória da cidade, sendo-lhes, por isso, dispensadas honras, riquezas, títulos de nobreza. Hoje os descendentes dos grandes artífices de outrora herdaram com



Uma preciosa obra de Murano

o próprio nome a paixão pelo vidro e a habilidade das mãos. E' que nestas fábricas tudo se faz à mão, e nem por isso poderão nunca ser menos que as da Bohemia onde se usam moldes.

E' preciso ver os operários em laboração para se lhe avaliar a pericia.

Em torno aos grandes fornos, dispostos ao centro de um salão rústico e semi-escuro, clareados apenas pelos reflexos de luz saugüinea, e cobertos de suor, estes homens trabalham ve-lozes e certos. Envolvem o vidro incandescente no extremidade de um tubo de aço, mergulham-

no levemente em boiões de diversas cores, e depois de o repor por pouco tempo no forno assopram-lhe de modo a obter uma esfera ardente. E' nesta ocasião, que começa a formar-se o objecto: o canudo, encostado à mesa, é feito virar rapidamente sobre a palma da mão esquerda, enquanto que a direita, mediante uma mola flexível, lhe imprime a forma desejada, marcando os sulcos, as guarnições e qualquer outro ornamento. Logo que o vidro principia a endurecer, é colocado no forno para ser em seguida, trabalhado de novo. E do forno é tirado tantas vezes quantas forem necessárias para obter o objecto completamente acabado.

Os lampadários e a folhagem requerem maior trabalho: junta-se, pouco a pouco, ao objecto em formação um pedaço de massa de vidro abrasado, que, com uma turqueza de ferro, é achatado, dobrado e recortado.

Por processo diverso daquele sopra (diverso não tanto mecanicamente e tecnicamente quanto para o segredo da mescla), obtêm-se vasos e ânforas de esmaltes coloridos. O vidro, em vez de ser recolhido pelo canudo de sopra no cadinho, onde a indomável matéria fica afinal líquida incandescente, é deposto, como uma camada quadrada sobre uma superfície horizontal. O operário coloca aí pequenos pedaços de canudos coloridos, conforme o desenho estabelecido e depois de ter abrazado novamente a pequena camada, envolve a em um molde especial se se trata de murino amolado; torna a remetê-la ao forno e, com o sopra e com as molas, e com o mesmo processo, cria da informe e ignea matéria um vaso de pureza clássica. O «murino» está quasi completo; falta só o trabalho da pedra de amolar que o alisa das asperezas, lhe tire o verniz cristalino, o faça translúcido, e lhe modifique o aspecto. Taças, ânforas, vasos, parecem assim esculpidos, modelados no onix, na agata, no diasprio, na ametista, na turqueza e no mármore.

São notáveis os vidros de Murano. Desta arte de pintar sobre o vidro, importada de Limoges, e chegada em Veneza, no século XVI, ao mais alto grau de perfeição, dá perfeita lembrança a célebre Coppa Barovier, conservada pelo Museu Cívico. O mérito de ter dado incremento e alta dignidade de arte a este modo de tratar o vidro, pertence a Francisco Toso Borella, que soube reproduzir à perfeição, todas as obras primas dos museus. Resta-nos aludir às atenções

que requer cada objecto saído do fogo antes de poder desafiar o tempo. Ainda incandescente como é, tem uma fragilidade extraordinária ao contacto com o ar que, embora quente, é sempre demasiadamente frio para não desagregá-lo. Passam no entanto através uma série de fornos que, um após outro o vão lentamente esfriando. A brusca passagem da altíssima temperatura, à aquela normal, repetimos quebraria o objecto. Esta preocupação das câmaras a calor degradante é indispensável, tanto para os objectos delicadíssimos de alto valor artístico, como para as simples garrafas estampadas. Trata-se, afinal, de uma noção ao alcance de todos. Mas em Murano, estes casos, revestem em especial gravidade, porque um erro de temperatura, embora insignificante, comprometeria irreparavelmente um objecto de arte que custa semanas de trabalho.

Transcrevemos a propósito um magnifico trecho de Gabriel D'Annunzio sobre os vidros de Murano:

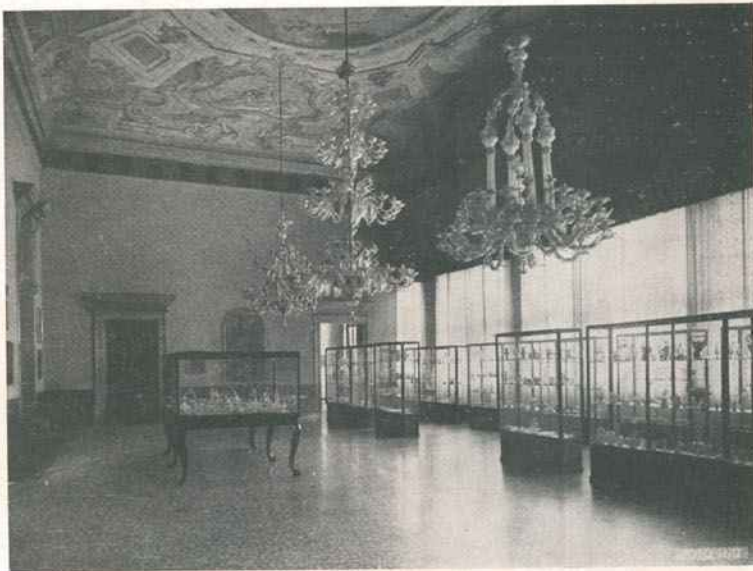
«Era um lugar húmido, enodado de salitre, com um cheiro a salgado, próprio de um antro marítimo. Atravessaram um pátio entulhado de madeira a arder, transpuzeram uma porta carunchoza, chegaram ao forno e sentiram-se mergulhados numa atmosfera ardente; pararam diante do grande altar incandescente, que lhes dava aos olhos um deslumbramento doloroso como se as pálpebras fôsssem inflamadas num instante.

«Desaparecer, ser devorada, sem deixar o menor sinal!» exclamava o coração da mulher, óbria de destruição. «Num momento, este fogo podia consumir-me como a um vime, como a um feixe de palhas». Aproximou-se dos orifícios abertos, por onde se viam as chamas fluidas, mais resplandescentes que o meio dia de verão, enroscarem-se aos vasos de argila onde se derretia, ainda informe, o mineral, que os operários, colocados em redor, atrás dos pára-fogos, colhiam com uma vara de ferro, para o amoldar pelo sopra dos seus lábios e pelos instrumentos da sua profissão.

«Virtude do fogo!» — pensava o inspirador, arrancado à sua amargura pela prodigiosa beleza do elemento, que lhe era tão familiar como um irmão desde o dia em que encontrou a melodia reveladora. «Ah! poder dar à vida das criaturas que me amam as formas da perfeição a que aspiro! Poder fundir todas as suas fraquezas no mais alto fervor, e fazer delas uma matéria dócil, onde imprimisse os desenhos da minha vontade heróica e as imagens da minha poesia pura! Porque, minha amiga, porque não has de ser a divina estátua viva, esculpida pelo meu espírito, a obra da fé e da dôr, pela qual a nossa vida pudesse sobrepujar a nossa arte? Porque havemos de confundir-nos com os medíocres amantes que se lamentam e maldizem? Quando ouvi de teus lábios as palavras admiráveis — «Eu posso aquilo que o amor não pode» — julguei que na verdade podias dar-me mais do que o amor. Aquilo que o amor pode e o que ele não pode, é preciso que o possamos completamente e sempre, para igualar uma natureza insaciável».

«Era grande o trabalho em volta do forno. Na extremidade das canas de soprar, o vidro em físião inchava, serpeava, tornava-se argentino como uma pequena névoa, resplandecia como a lua, brilhava dividida-se em mil fragmentos tênues, crepitantes, rutilantes, mais delicados que os fios que se vêem de manhã nas florestas, de ramo a ramo. Os operários moldavam as taças graciosas; e cada um obedecia no seu trabalho a um ritmo que lhe era próprio, produzido pela qualidade da matéria e pelo hábito dos movimentos aptos a afeiçoá-la. Pouco a pouco, sob os instrumentos, a vermelhidão da pasta desaparecia; e a taça em formação, fixa na extremidade da cana, era novamente posta ao fogo; depois retiravam-na de lá, dócil, maleável, sensível aos toques mais delicados, que a adornavam, a adelgaçavam, a tornavam conforme ao molde transmitido pelos antepassados ou à invenção livre do novo criador».

É esta a «Indústria do Fogo»!
Quem for a Veneza, visite Murano!



Uma sala do Museu de Murano

A França, e com ela o Mundo inteiro, vão celebrar em Março d'este ano o centenário da morte do grande sábio André-Marie Ampère.

A Comissão organizadora das festas comemorativas prepara importantes manifestações científicas na cidade de Lyon, destinadas a pôr em evidência o valor das descobertas do illustre homem de ciência. Se a obra de Ampère é admirável, a sua vida não é menos atraente. Educado no campo, ficou sempre duma timidez e candura admiráveis. Por um paradoxo singular, não frequentou qualquer escola, nem mesmo durante a infância, e veio mais tarde a fazer uma longa carreira como professor.

Ensinou primeiro física e química na Escola Central de Bourg, depois matemática e astronomia no Liceu de Lyon; mais tarde ainda, análise matemática na Escola Politécnica.

Chamado a ensinar física experimental no Colégio de França, reconheceu que os laboratórios não possuíam material suficiente, e dedicou-se ao estudo da constituição da matéria, elevando os seus ouvintes às mais altas regiões da filosofia. O grande anseio do seu espírito era dar do Universo uma explicação total.

Um dos traços fundamentais do seu carácter era a franqueza, que se manifestava tanto na sua conversação como nos seus escritos.

Nunca dissimulava os seus sentimentos. Em 1796, apaixonou-se de Julie Caron, com quem veio a casar três anos mais tarde. Durante este período de tempo escreveu o seu diário com a inscrição «Amorum» no alto de cada página. Anotava ali os pensamentos que o agitavam. E por isso se encontram nessas páginas cálculos algébricos de mistura com poesias, e até o começo dum poema épico. Quando relata as suas visitas a Julie confessa que mais duma vez, a sua distração e falta de tacto, o levaram a ouvir dizer que se fôsse embora.

Certo dia, Julte e sua irmã vieram jantar a casa de sua tia. «Cantaram — escreve elle — mas em lugar do prazer que esperava ter, ia adormecendo».

Toda a sua vida foi assim escrupulosamente sincero. Mais tarde dizia elle a seu filho Jean-Jacques, que regressara da Itália a seu pedido: «É curioso, meu filho, julgava que tornando a ver-te sentiria mais alegria».

Algumas das suas distrações ficaram célebres. Uma vez, Ampère lia na Academia uma memória sobre qualquer assunto científico, quando um visitante entrou na sala. Este com um gesto acalmo a agitação súbita da assembleia e ocupou o único lugar vago.

Ampère não dera por nada e ficou por isso bastante surpreendido quando ao terminar se dirigiu para o seu lugar e o viu ocupado por um estranho. Não se atrevendo a dizer nada, olhou para os colegas e por fim dirigiu-se ao presidente:

— Está entre nós uma pessoa estranha a esta agremiação.

— Engana-se — respondeu, sorrindo, o desconhecido — Pertença à Academia, secção de mecânica, desde 5 de Nivose, ano VI.

Ampère, perplexo, folheou o anuário académico e encontrou «Napoleão Bonaparte».

Muito perturbado, não sabia como desculpar-se. Mas o Imperador, bem humorado, tranqüilizou-o e convidou-o para jantar no dia seguinte nas Tulherias. «Espero-o às 7 horas» — disse

sua mãe continuou a cercá-lo de vigilante ternura. Enviava-lhe com frequência vinho branco, sacos de farinha, frutos da sua pequena propriedade, tal como todas as boas mães provincianas.

Esforça-se assim por manter contacto com o filho, desatento, que nunca lhe escreve. As suas cartas, dum estilo correcto, são duma surpreendente elevação nesta mulher de costumes rústicos.

Em 1806, quando Ampère desiludido pelo segundo casamento, é abandonado, apressa-se em chamar sua mãe para junto de si. E pela primeira vez, a tranqüilla casinha de Poleymieux ficou deserta.

Graças aos cuidados inteligentes da Sociedade dos Amigos de André-Marie Ampère e da Sociedade Francesa de Electricistas, a casa da família do glorioso sábio em Poleymieux foi transformada em museu que decerto vai agora, por ocasião das festas do centenário, conhecer uma excepcional afluência de visitantes.



Napoleão à despedida, estendendo-lhe a mão.

No dia seguinte o Imperador foi para a mesa às 8 horas. Ampère, como verdadeiro sábio, tinha-se esquecido do convite.

Foi no exercício da sua missão de professor que Ampère consumiu as suas últimas forças. Na primavera de 1836 começou a sua visita anual aos estabelecimentos de ensino, onde devia fazer conferências. A sua passagem por Saint Etienne os amigos inquietos com o seu estado de saúde tentaram fazê-lo desistir de continuar. Insistiu em cumprir até ao fim a sua missão e morreu alguns dias mais tarde no Colégio de Marselha.

Quando se estuda a vida e a obra dos homens illustres, é interessante investigar o ambiente onde decorreu a sua mocidade e se formou o seu génio. Verifica-se geralmente que todos os grandes homens tiveram uma mão admirável.

Documentos trazidos à luz da publicidade mostram que Jeanne Desutièrre Sarcey, duma honrada família de Lyon e mãe do grande Ampère, era notável pelo seu espírito e pela sua bondade.

Graças a ela, reinava na casa de Poleymieux uma atmosfera de paz e amor.

Esta mulher que nos é descrita como plácida e doce, fez quanto pôde para poupar a seu filho as preocupações da vida cotidiana. Quando após o seu casamento, Ampère se instalou em Lyon,

Ampère viveu em plena época da Revolução Francesa. A sua adolescência foi mesmo enlutada pela violenta agitação social: em 1793 seu pai foi guilhotinado por ter conservado as suas funções de juiz de paz em Lyon, durante o cerco desta cidade.

Jean-Jacques Ampère cedo tinha compreendido o espírito excepcional de seu filho. Deixara portanto que a inteligência da criança seguisse a sua inclinação natural.

Antes de subir ao cadafalso, escreveu a sua mulher uma carta em que revela a alma de superior quilate. Depois de dar escrupulosamente as suas últimas instruções sobre os negócios, dirige a todos palavras de despedida e termina com esta frase profética: «Quanto a meu filho, espero tudo d'ele».

Este homem que morreu como tantos outros constituintes, presentearia a brilhante carreira que se abria perante o jovem Ampère. Deve ter sido isso o seu supremo lenitivo e toda a vida do sábio foi a realização desta comovedora profecia.

Foi a cidade de Lyon a escolhida para a celebração do centenário de Ampère. Nenhuma outra estaria mais indicada, pois tanto pela origem como natureza do seu génio, Ampère é um filho de Lyon.

Foi de facto nas bibliotecas daquela cidade que Ampère, muito novo ainda, se iniciou nas matemáticas. Foi ali talvez que nasceu aquele espírito estudioso e sereno que conservou através de todas as contingências da vida.

Filia-se ainda no povo lionês pelo desejo insaciável de tudo conhecer. A sua actividade revela-nos essa feição do seu espírito. Foi sucessivamente filósofo, matemático, químico, filólogo, botânico e físico. Nenhum ramo do conhecimento humano lhe era indiferente.

Foi por isso com orgulho que os habitantes de Lyon aceitaram a missão de fazer reviver aos olhos de todos a obra imensa do seu illustre conterrâneo.

O Carnaval nas salas último refúgio da tradição

ESCORRAÇADO das ruas, onde os tempos já não lhe vão propícios, o Carnaval acolhe-se cada vez mais às salas, onde continua a viver a sua agitação efémera, sob as formas modernas dos costumes mais moderados.

Nestes últimos refúgios o Carnaval que tende a desaparecer mantém a animação, embora perca de ano para ano o seu característico. Já pouco mais é do que um pretexto para bailes, onde as máscaras são raras e os «confeti» e serpentinas aparecem em quantidades mínimas.

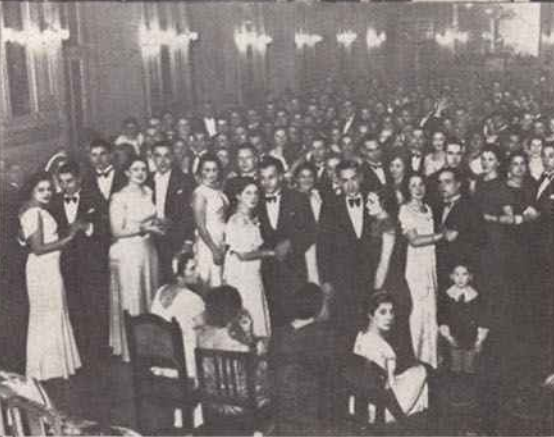
Este ano os bailes do Carnaval tiveram, portanto, farta concorrência. Nos clubes, grémios e agremiações recreativas dançou-se como sempre se dança — isto é, animadamente. Tanto bastou para assinalar a passagem de mais um Entrudo, que doutro modo correria risco de passar despercebido a muita gente. Damos nesta página alguns dos aspectos mais salientes das diversões carnavalescas, em que a graça chocarreira de outrora cede o lugar a um maior apuro de elegância.

A esquerda: Grupos de crianças que assistiram aos bailes infantis do Teatro Nacional e do Ginásio, últimas notas graciosas dum Carnaval incolor.

A direita: Um aspecto dum dos concorridos bailes com que no Grémio de Trás-os-Montes foi festejada a passagem do Carnaval deste ano.



Em cima: Um lindo friso de raparigas que deu graça e animação ao baile do Grémio de Trás-os-Montes. A direita: O Carnaval do Estoril, célebre pelas suas tradições de cosmopolitismo, e que constitui lugar predilecto de reunião da sociedade elegante de Lisboa.



A esquerda: Outro aspecto do elegante baile do Casino Estoril, que foi este ano abrihantado pela notável orquestra Pianos, especialmente contratada e onde as diversões tiveram o carácter do mais apurado bom gosto. Em cima: A numerosa assistência a um dos bailes de Carnaval no Grémio Alentejano.

AS CRIANÇAS MASCARADAS

Se o Carnaval comparecesse a julgamento sob a acusação de todas as manifestações de mau gosto e brutalidade que o incompatibilizam com o nosso tempo, um último argumento lhe restaria para a sua defesa — as crianças mascaradas.

» São elas de facto que nos reconciliam com a sensoria da quadra carnavalesca. E só elas possuem já o dom de arrancar sorrisos dos rostos apreensivos e sorumbáticos que nesses dias enchem as ruas da cidade, interrogando-se em silêncio sobre o paradeiro da folia entredessa.

Inconscientemente, as crianças, com os seus trajos garridos, dão-nos uma nota humorística que tem por vezes aspectos de sátira. Caricaturam gestos e atitudes de gente graúda, com essa graciosidade e inocência que as torna adoráveis.

E é um prazer vê-las nos bailes infantis, agitando-se e rindo, vivendo essa prodigiosa

única atenuante para o mau gosto do Carnaval

aventura que é para elas envergar em traje diferente do usual, um traje que lhes serve de pretexto a sonhos e fantasias sem conto.

E aí começam a revelar-se as faculdades de interpretação de que cada um dispõe para interpretar a grande comédia que a vida lhe reserva. Esta, vestida de dama antiga, toma atitudes senhoriais, recusando-se a olhar-nos sem ser através do seu «lorgnon». Aquele, trajando de toureiro, esforça-se por tomar uma atitude destemida de pessoa afeita a lidar com feras, enquanto outro, de casaca, tem o ar de alguém para quem os prazeres elegantes da vida já não têm segredos.

Mas nada disto enferma ainda dos vícios humanos, e no final do baile, a dama de anquinhas e saia de balão é já amiga inseparável da varina e o homem de sociedade acamarada à vontade com o «cow-boy».

E' assim o Carnaval das crianças e por isso é ele é encantador.



Cortejos Carnavalescos em Lisboa e Cascais



Com fins de beneficência realizou-se este ano, à semelhança dos anteriores, um cortejo na Avenida da Liberdade, no domingo e terça-feira gorda. A animação foi nula, mas a concorrência

grande, a pesar-da chuva teimosa que por vezes caiu. A gravura da esquerda mostra o rei Entrudo cavalgando entre o seu séquito. Em Cascais também se organizou um cortejo carna-

lesco. A direita vê-se o carro da pesca, um dos veículos que nele tomaram parte. O público acorreu numeroso a presenciar o desfile e a isso se resumiram os folguedos nas ruas.

O desafio de foot-ball Portugal-Alemanha

No dia 27 do mês findo, jogou-se em Lisboa, no Estado do Lumiar, o «match» de foot-ball Portugal-Alemanha, cuja apreciação é feita pelo nosso crítico noutra lugar. O encontro despertou grande interesse e a pesar-de de se ter realizado num dia útil, calcula-se a sua assistência em mais de 30.000 pessoas. A derrota dos espanhóis em Barcelona contribuiu para aumentar a ansiedade nos meios desportistas nacionais, que alimentavam a esperança de que o jogo lhes fôsse favorável, o que não deixaria de constituir um xeque para o país vizinho.

A classe superior dos jogadores alemães tornou, contudo, inevitável a sua vitória que foi de 3 bolas a 1. As selecções alinharam do seguinte modo:

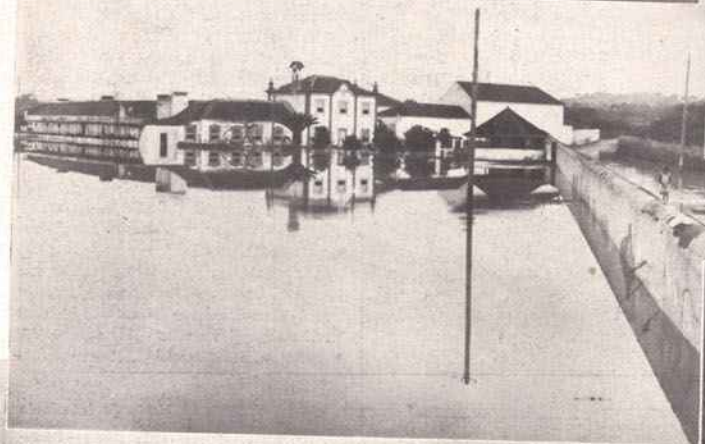
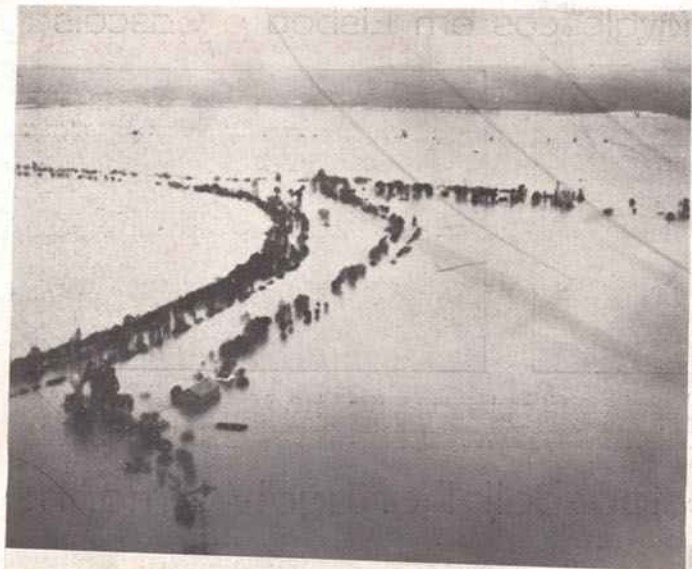


Alemanha (camisola branca com gola vermelha e calção preto) — Ruchslois; Munzenberg e Tiefel; Janes, Goldbrunher e Klebinger; Lehner, Hohmann, Siffing, Szezan e Sumetebeither.

Portugal (camisola vermelha com as quinas nacionais e calção branco) — Soares dos Reis (F. C. P.); Simões (C. F. B.) e Gustavo (S. L. B.); Albino (S. L. B.), Rui de Araújo (S. C. P.) e Carlos Pereira (F. C. P.); Mourão (S. C. P.) Victor Silva (S. L. B.), Soeiro (S. C. P.), Artur de Sousa (F. C. P.) e Nunes (F. C. P.).

Juiz de campo: Pedro Escartin, do Colégio de Arbitros de Espanha. As nossas gravuras representam em cima a selecção alemã e em baixo a selecção portuguesa antes de começar o jogo.

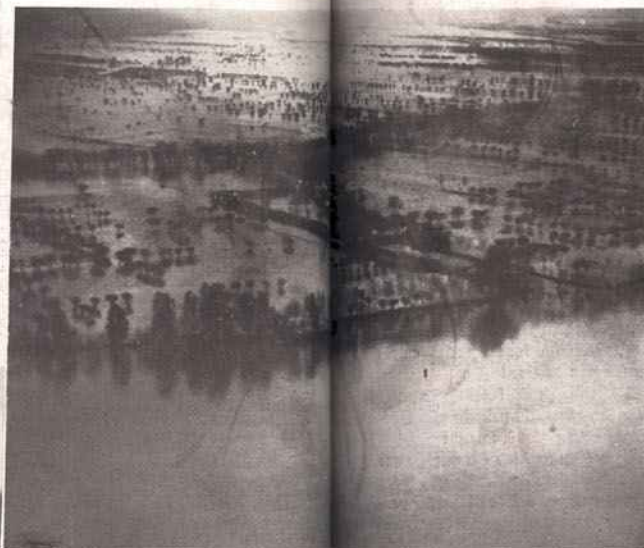




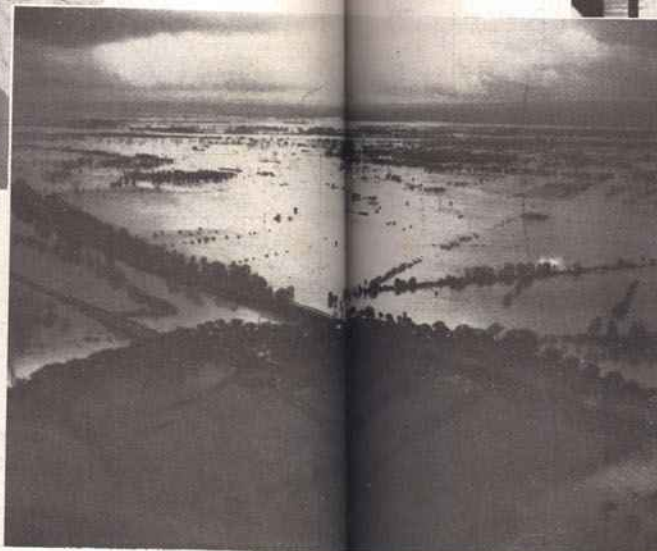
EFEITOS TEMPORAIS

As cheias tiveram êstimo carácter excepcional

submergindo muitos quilómetros de terrenos marginaes



Aumentado o volume das suas águas por tempo, o Tejo inundou as margens numa grande extensão. As gravuras seguintes reproduzem aspectos dessa cheia excepcional. As vistas aéreas foram tomadas por fotógrafos da Aviação Naval. Em baixo, à direita, um dos danos provocados pelas inundações.





Madame Stavisky em primeira fila. Na foto: French Cassin, 48, de 1934-1935

as minhas memórias, que éle vai negociar aqui.

E a viúva Arlette acrescenta:

*Recebo cartas de toda a parte. O meu empresário faz-me uma publicidade monstro: ou-

Há dias, o jornalista francês Jean Nocher botou carta aberta à pobre viúva de Stavisky, ferrando-lhe uma tremenda decompostura por esta ter ido para a América ganhar a vida como figurante de teatro.

Queixava-se o jornalista de que Arlette Stavisky, quarenta e oito horas depois da sua absolvição, assinara um contrato de *show-girl*, e que, decorridos cinco dias, já estava a bordo do paquete que a levaria a Nova York, a exhibir-se no palco do French Casino, na revista "Loucuras de Mulheres..."

Mas que mal haveria em tudo isto? Lamentava-se ainda o plumitivo puritano de que Madame Stavisky appareceu em Nova York ao correspondente de "Le Journal, que a entrevistou, "tôda chic, magnificamente vestida como nos seus mais bellos dias, com um magnifico casaco de marfim, e que, à saída de cena, lhe dissera: "Não acha que faço bem? ... Quero viver! ... Ah! reviver! ..."

Que diabo queria o jornalista? Que a pobre Arlette, após a saída da prisão onde injustamente a tiveram encarcerada, visto terem-na absolvido, andasse coberto de andrôgas a estender a mão à caridade pública? ... Desejaria que essa mulher se despossuísse de viver, e seguisse o triste exemplo de seu tresloucado marido?

Nessa entrevista, Arlette, num ar de franqueza diz: "O que impressiona os americanos é constar que vim para aqui como *show-girl* por 50 dólares cada semana. Sentem pena de mim... Mas é bem essa a verdade? No papel, sem dúvida... Na realidade, o sr. Fisher, meu empresário, paga tôdas as despesas que faço. A minha primeira semana de hotel, no "Waldorf Astoria", custou-lhe 100 dólares. Agora vivo num "apartment", cujo endereço conservo secreto. Termino



Madame Sta- visky quando "foi viva"

tro dia anunciou que os meus filhos tinham sido rapitados; ontem, que o meu "sex appeal" fóra discutido no Congresso de Washington. Mas eu escolho as minhas relações. O menor passo em falso poderia perder-me a aqui. Espero entrar na melhor sociedade...

São estas as tremendas acusações de que o citado jornalista atrai a essa pobre mulher que passou



Madame Stavisky, 48, e a filha mais nova, de 1934-1935

EXPLORADOR DE ESCANDALOS Acusa-se a pobre viúva de Stavisky de ir a Nova York ganhar a vida como figurante de teatro

longos meses no cárcere por um crime que não cometeu, e que, por ocasião do seu desembarque em Nova York, se limitou a declarar aos jornalistas que a assediavam com perguntas: "Venho trabalhar para os meus filhos."

Pois o jornalista parisiense irritado com a acção de Arlette Stavisky, chega mesmo à brutalidade hedionda de confessar-se arrependido por ter sido um dos que pleiteou pela libertação duma inocente, e a fazer ver, que, se soubesse o que hoje sabe (a assinatura do contrato para Nova York) não daria um passo a defendê-la, embora sabendo-a inocente das culpas do seu falecido marido!

Que Deus lhe perdoe!

Mas o jornalista, despedido não sabemos ainda bem porquê, insiste: "...Se o Alex (o Alex é o marido que morreu nas fúlgidas condições que todos conhecem) voltasse a este Mundo, é provável que se arrependesse da famosa carta que enviou aos filhos antes de morrer e na qual lhes pedia que considerassem a mãe como uma "madona"... É verdade que, depois do fiuro de Dekobra, há madonas dos "sleepings..."

Que reles cois! Mal empregado dinheiro que o sr. Nocher, pai, gastou na educação do filho!...

Após tantos desgostos, tantas contrariedades, tantas perseguições, a pobre Madame Stavisky ainda terá de suportar mais esta!...

O sr. Nocher (Deus lhes perdoe!) teria preferido que a pobre Arlette se limitasse a ser poeteira como a esposa de Dieu-donné!... Mas, arvora-se em Greta Garbo, isso não... isso poderia render muito dinheiro, e os filhos de Stavisky qual-quer coisa o contentariam!

Num desalho que devemos registar, o jornalista desmascara-se quasi totalmente:

"Em suma, cara senhora, embarreirou-se com

lida a limpeza — e a mim antes dos outros, pois que fui eu que encontrei a campanha em sua defesa, num momento em que todos os jornais de grande informação estavam contra si. É certo que já então as minhas iluções não eram grandes: "L'Œuvre, defenda-me na sua pessoa os seus filhos infelizes e também o simples direito desprezado. De modo que, na realidade, não temos que nos arrepender de ter defendido, a propósito da senhora, uma causa que a ultrapassava infinitamente. Mas os nossos escrúpulos de imparcialidade obrigam-nos a esta "mise au point", para que os nossos leitores distingam nitidamente a má dolorosa que a senhora foi do manequim vagabundo que agora é. Porque nunca se deve confundir a justiça eterna com a sua encarnação laiz... A carne é tão fraca, minha cara senhora!..."

Francamente, o tal jornalista, com toda esta lenga-lenga, ou é refinadamente mau ou simplesmente parvo, senão as duas coisas juntas...

Vem a propósito citar um facto que

tem importância a êle que se tratasse de uma pobre mãe rodeada de filhos, e sem pão para lhes dar!

O mesmo succede agora com Arlette Stavisky. Mas grado seu, perdeu trágicamente o marido, cujo nome cocou no

Mundo inteiro. Ela própria celebrou-se, merecê de um processo ruídooso... Era, enfim, uma mulher falada em tôdas as partes do globo! Pronto! Toca a contractá-la enquanto a fama não arrefecia...

Ora, se a ex-imperatriz Zita recousou, alegando razões ponderosas, Arlette Stavisky não era mais de um príncipe que ainda esperasse cingir uma coroa... Daí, aceitou o contrato

Nada mais natural, a nosso ver. De resto, o empresário de Nova-York, explorando a celebridade da viúva de Stavisky, fez o mesmo que muitos outros fazem, incluindo o citado jornalista nortino que não deixará de puxar para o seu jornal, em primeira mão, o exclusivo

das Memórias de Madame Stavisky que

deve trazer mais uns milhares de leitores.

Raio de moralidade esta do sr. Jean Nocher! Como Madame Stavisky, têm ido para essas Américas milhares de "girls", algumas das quais abandonando os filhos, e êle nunca se preocupou que nos conste, com todo insignificantemente incidentes...

Se fôssemos a vasculhar bem os sentimentos de um tal puritano, não deixaríamos de encontrar um novo Bambiabo a entregar o peçoço escrofuloso das pobres Fantinas que ainda arrastam por esse Paris imenso a sua miséria desoladora.

Faltaria apenas um Victor Hugo que lhe focasse a sua malhadê repugnante mal disfarçada numa caricatura de cronista mundano.

Assim, a coberto das teorias equivocadas de M. Dekobra, o jornalista Nocher entremet-se a debicar em toda e qualquer mulher que não se digna descer à triste situação da mãe da pobre Costeta.

E não se vai dando mal, pelo visto. Faz assim uma tal ou qual popularidade que lhe ampara, melhor ou pior, o cargo que ocupa na redacção do seu jornal.

Este caso Stavisky deu-lhe pano para mangas, e continua a dar-lho, como se verifica pelos factos expostos. Explorado o aventureiro ficava-lhe a viúva.

Aproveita as ocasiões para brilhar e, como explorador de celebridades, não colla aos meios para alcançar os fins.

Gomes Monteiro.

ainda está na memória de todos, e que data da adversidade que feriu a ex-imperatriz Zita.

Nessa altura, um grande empresário *yankee* mandou oferecer à antiga soberana da Austria um contrato vantajosíssimo que a encheria de dinheiro se estivesse resolvida a aceitar o papel de protagonista de um grande filme que entraria logo em realização.

Compreende-se o empresário de vasta largaz a sua generosidade na mira de centuplicar o capital que empastasse naquêlo magnifico negócio. Tôda a publicidade que desenvolvesse em volta da nova estêla da sua empresa, viria a reverter em seu proveito.

Item lhe importava a êle que se tratasse de uma pobre mãe rodeada de filhos,

o mesmo succede agora com Arlette Stavisky. Mas grado seu, perdeu trágicamente o marido, cujo nome cocou no

Mundo inteiro. Ela própria celebrou-se, merecê de um processo ruídooso... Era, enfim, uma mulher falada em tôdas as partes do globo! Pronto! Toca a contractá-la enquanto a fama não arrefecia...

Ora, se a ex-imperatriz Zita recousou, alegando razões ponderosas, Arlette Stavisky não era mais de um príncipe que ainda esperasse cingir uma coroa... Daí, aceitou o contrato

Nada mais natural, a nosso ver. De resto, o empresário de Nova-York, explorando a celebridade da viúva de Stavisky, fez o mesmo que muitos outros fazem, incluindo o citado jornalista nortino que não deixará de puxar para o seu jornal, em primeira mão, o exclusivo

das Memórias de Madame Stavisky que

deve trazer mais uns milhares de leitores.

Raio de moralidade esta do sr. Jean Nocher! Como Madame Stavisky, têm ido para essas Américas milhares de "girls", algumas das quais abandonando os filhos, e êle nunca se preocupou que nos conste, com todo insignificantemente incidentes...

Se fôssemos a vasculhar bem os sentimentos de um tal puritano, não deixaríamos de encontrar um novo Bambiabo a entregar o peçoço escrofuloso das pobres Fantinas que ainda arrastam por esse Paris imenso a sua miséria desoladora.

Faltaria apenas um Victor Hugo que lhe focasse a sua malhadê repugnante mal disfarçada numa caricatura de cronista mundano.

Assim, a coberto das teorias equivocadas de M. Dekobra, o jornalista Nocher entremet-se a debicar em toda e qualquer mulher que não se digna descer à triste situação da mãe da pobre Costeta.

E não se vai dando mal, pelo visto. Faz assim uma tal ou qual popularidade que lhe ampara, melhor ou pior, o cargo que ocupa na redacção do seu jornal.

Este caso Stavisky deu-lhe pano para mangas, e continua a dar-lho, como se verifica pelos factos expostos. Explorado o aventureiro ficava-lhe a viúva.

Aproveita as ocasiões para brilhar e, como explorador de celebridades, não colla aos meios para alcançar os fins.

Gomes Monteiro.



Madame Stavisky e a filha mais nova

deve trazer mais uns milhares de leitores.

Raio de moralidade esta do sr. Jean Nocher! Como Madame Stavisky, têm ido para essas Américas milhares de "girls", algumas das quais abandonando os filhos, e êle nunca se preocupou que nos conste, com todo insignificantemente incidentes...

Se fôssemos a vasculhar bem os sentimentos de um tal puritano, não deixaríamos de encontrar um novo Bambiabo a entregar o peçoço escrofuloso das pobres Fantinas que ainda arrastam por esse Paris imenso a sua miséria desoladora.

Faltaria apenas um Victor Hugo que lhe focasse a sua malhadê repugnante mal disfarçada numa caricatura de cronista mundano.

Assim, a coberto das teorias equivocadas de M. Dekobra, o jornalista Nocher entremet-se a debicar em toda e qualquer mulher que não se digna descer à triste situação da mãe da pobre Costeta.

E não se vai dando mal, pelo visto. Faz assim uma tal ou qual popularidade que lhe ampara, melhor ou pior, o cargo que ocupa na redacção do seu jornal.

Este caso Stavisky deu-lhe pano para mangas, e continua a dar-lho, como se verifica pelos factos expostos. Explorado o aventureiro ficava-lhe a viúva.

Aproveita as ocasiões para brilhar e, como explorador de celebridades, não colla aos meios para alcançar os fins.

Gomes Monteiro.

FIGURAS E FACTOS

Brito Camacho

Impressionante desastre de viação



NUMA curva da estrada entre Mafra e Malveira, um automóvel conduzido por José Matias despenhou-se por uma ribanceira. O «chauffeur», que era o único ocupante do veículo, sofreu fractura do crânio e teve morte instantânea. O automóvel ficou na posição que a nossa gravura representa.

Menezes Ferreira



A morte, que não escolhe idades, acaba de nos arrebatrar um grande amigo, cuja falta não será suprida facilmente. O capitão Menezes Ferreira, valeroso combatente da Flandres e da África, era também um artista de mérito, que deixa uma obra apreciável.



Um novo livro de Brito Camacho, um volumoso livro intitulado «Portugal na Guerra», em que o autor declara em prefácio não poder dispensar-se de o escrever, em face da tremenda campanha travada contra ele desde 1914 a 1916. Páginas que ficam para a história e através das quais passa ainda a alta figura do gigante que as traçou. Este livro «Portugal na Guerra» ficará sendo um duplo reliquia: porque encerra pedaços de Alma Portuguesa conflagrada por uma espantosa catástrofe, e porque nos evoca ainda a mão firme e honrada do seu glorioso autor.

Silva Tavares



OUTRO livro do poeta Silva Tavares que nos têm deliciado com obras magistrais que o povo decorou, numa consagração sem limites. Desta vez não é verso. O poeta apresenta-nos a novela «Um homem de sorte» que tanto pode focar certa e determinada personalidade, como o próprio autor. Sim, porque o homem da sorte é este desde que publicou o seu primeiro livro — e já têm duas dúzias de vezes, pelo menos — e sempre com êxitos cada vez maiores, mais belos e mais florescentes.

Ao dr. Samuel Maia, autor de «O Vinho»



Os trabalhos literários do dr. Samuel Maia merecem não só êxitos extraordinários em Portugal, como no Estrangeiro. O «Office International du Vin», com sede em Paris acaba de conceder ao ilustre escritor português uma medalha de arte pelas suas últimas obras literárias sobre o vinho. Igual homenagem prestou ao dr. Samuel Maia o «Comité National de Propagande en Faveur du Vin», também com sede na capital francesa, patenteando assim o alto apreço em que tem os trabalhos literários do autor de «O Vinho». As gravuras que reproduzimos apresentam o verso e averso das medalhas que o dr. Samuel Maia acaba de receber.

Manobras navais de 1935

A bela fotografia que reproduzimos na capa do presente número, e que representa uma esquadilha da Aviação Naval sobrevoando a formosa capital da ilha da Madeira, foi-nos gentilmente cedida pela Vacuum-Oil Company, fornecedora de gasolina e óleos lubrificantes utilizados nesse cruzeiro.

Maurício de Oliveira



O brilhante jornalista Maurício de Oliveira é hoje talvez o único capaz de escrever com segurança sobre a Marinha de Guerra do velho Portugal descobridor que levou as suas naus portuenses aos confins do mundo. A sua última obra «Armada Gloriosa», mostra-nos a grandeza do seu talento.

Noémia Sarmiento



O último recital, realizado há dias no Salão do Conservatório pela jovem e notável pianista Noémia Sarmiento, constituiu um verdadeiro acontecimento artístico. Rui Coelho, aludindo ao seu merecimento, diz que «Noémia Sarmiento é uma talentosa pianista com raras qualidades de «solista», e que, com este recital, acaba de conquistar mais uma grande vitória numa carreira tão cheia de dificuldades, como é, em todos os países, e em todos os tempos, a de concertista». Côscia das suas responsabilidades, a jovem artista continuará, temos a certeza, não só a manter os seus triunfos, mas a ampliá-los na área do seu vasto talento.

Incêndio na Estrada de Benfica



NA madrugada do dia 16 do mês findo manifestou-se violento incêndio num prédio da Estrada de Benfica, onde se encontravam armazenadas algumas dezenas de toneladas de ervas empregadas para crás, a que se atribuem virtudes medicinais. O sinistro causou prejuízos consideráveis que só não foram maiores devido à presteza dos socorros. A gravura mostra um aspecto do ataque ao incêndio em que tomaram parte os bombeiros de Benfica, os dos quartéis 2, 5 e 11, e os Voluntários Lisboenses. Ficou ferido um bombeiro numa das mãos.

Homem Christo



O terrível fundibulário de Aveiro acaba de publicar um livro de memórias que intitulou: «Notas da minha vida e do meu tempo», que empolgam desde a primeira à última página. Pelo seu feito independente e até arisco, Homem Christo tem muitos inimigos, mais até dos que possa supor. Mas pode gabar-se também que até por esses é lido... e sinceramente admirado... Grande coisa é ter talento!

MARÇO E OS SÁBIOS

O mês de Março, que se apresenta sempre manso como o cordeiro do signo zodiacal que o simboliza, tem por vezes assômos traiçoeiros de serpente.

Anunciando a Primavera por entre tufos de verdura e flores matizadas, atraíu a si três gran-

o viesse contrariar como anos antes fizera ao glorioso inventor do telescópio que teve de mentir para salvar a vida... e o bom nome de Josué que fez parar o Sol.

Newton trabalhou livremente na sua libérrima pátria inglesa, conseguindo provar a decomposição da luz, embora de uma maneira diferente da atribuída pelo «Genesis» a Jehovah.

No mês de Março de 1727 morreu este sábio com oitenta e cinco anos de idade.

Cem anos depois, e nêsse mesmo mês, morria Laplace, o grandioso inventor do sistema cosmogónico que tem o seu nome.

E no mesmo dia (5 de Março de 1827) entrava na agonia o famoso Alexandre Volta que iluminou o Mundo.

Este sábio foi uma das mais perfeitas vocações científicas de todos os tempos.

Na sua infância, os brinquedos que mais o



Isaac Newton

atraíam consistiam em construções de aparelhos que pudessem concentrar as energias ocultas e poderosas da electricidade que a criança não entendia, mas adivinhava.

Entrando na mocidade, Alexandre Volta deu logo sinal de si, realizando uma dissertação em latim que intitulou *De vi attractiva ignis electrici*, que assombrou os sábios do seu tempo.

Volta tinha, nesta altura, dezoito anos de idade!

Desde então, a sua carreira foi uma longa série de êxitos formidáveis. Aos trinta anos descobria o *electróforo* que revolucionou as ciências da sua época. Seguiu-se o *condensador electrico* que ultrapassou a anterior descoberta.

Mas o grande, o autêntico triunfo do sábio estava ainda para surgir em toda a sua imponência...

Reconhecendo o fenómeno electrico que se produz pelo simples contacto dos corpos, o sábio Volta concebeu a *pilha electrica* que realizou ao cabo de aturadas experiências, e que tem o seu nome.

Calcule-se a retumbância em todo o Mundo!

Após a conquista da Itália, Bonaparte, que não perdia a menor ocasião de se chegar aos sábios, manifestou a Volta a alta consideração em que tinha os seus méritos.

E vai o Volta, italiano de nascimento, deixou-se adular pelo côrso invasor da sua pátria, e aceitou a recepção que Bonaparte lhe preparava em Paris, com todas as honras inerentes a um sábio. O facto de não estar muito polido na lingua francesa, não o preocupava muito, visto o côrso estar habilitado a falar-lhe em italiano, como italiano renegado que era...

E lá partiu o sábio para Paris, onde Napoleão o cumulou de honras, nomeando-o membro do Senado com o título pomposo de conde!

O senhor Conde de Volta! Maldito título! O sábio Alexandre Volta conseguiu fazer luz, não só para os olhos, mas para os espíritos, visto que os resultados colhidos até hoje foram alumados pela sua pilha mágica. Ao pôr-lhe uma corôa de conde, à guisa de marca da fábrica, essa mancha nobiliárquica, acrescida pelo eclipse total de patriotismo, poderia dar trevas, das quais nada de bom e de útil surgiria para a humanidade.

Emfim, se Alexandre Volta procedeu mal, o mês de Março encarregou-se de o castigar, matando-o sem apêlo nem agravo.

Da sua falta de patriotismo está perdoado pela própria Itália que, em boa verdade, não stoube reconhecer-lhe o valor na devida altura. E, mesmo que assim não fôsse, a humanidade, grata pelos benefícios recebidos, não deixaria de o rehabilitar e colocar no pedestal honroriíssimo a que tem direito.



Herschel



Laplace

des sábios — Newton, Laplace e Volta — para lhes dar a morte.

Foi neste mês de Março que se extinguiu a vida do excelso Isaac Newton, o pai da filosofia natural, que, tendo nascido no ano da morte de Galileu, parecia fadado a continuar e engrandecer a obra portentosa do famoso descobridor do movimento da Terra.

E pur si muove!

Newton, mais feliz por poder dar livre curso ás suas descobertas científicas, fixou a lei da gravitação universal sem que a letra das Escrituras



Volta apresentando a Bonaparte a sua pilha electrica



Uma expressão do colosso

canto de amor à humanidade dos tempos futuros, o hino imortal à alegria transcendente, como o mais belo resplendor dos deuses.

Quando desce do seu êxtasi, escreve no seu *Diário* com o estoicismo de um santo:

"Resignação! resignação absoluta com a tua sorte!... De hoje em diante não viverás para ti, mas para a tua arte.

Vai passar mais um ano sobre a morte de Beethoven, o mais extraordinário talento musical que ainda apareceu no Mundo.

Uma testemunha ocular deixou assim descrito o triste acontecimento da morte do colosso.

"Pouco depois das cinco horas do dia 26 de Março de 1827, sobreveio uma densa obscuridade, seguida de uma repentina chuva. A cabeça do moribundo encontravam-se apenas sua irmã e o seu amigo Hüttenbrenner. A chuva parou, deixando os campos e as ruas cobertos de água e neve. Nisto, fulgurou um vivíssimo relâmpago, seguido de um trovão pavoroso. Beethoven, cujos olhos estavam quasi cerrados, ergueu-se do travesseiro, e, cheio de majestade, estendeu o braço direito como um general que dirige um exército, ou como o director de uma imensa orquestra, que desafiasse a morte... Tudo isto se passou num instante: braço e corpo caíram pesadamente. Momentos depois, o herói estava morto, voando nas asas da tempestade o seu incomparável espirito."

Como os ascetas do Tibet, Beethoven viveu, com curtos intervalos, isolado do Mundo, nos seus dez últimos anos. Adquiriu uma paixão sobrehumana pela Natureza, paixão de tão eloquentes testemunhos deixou nas suas obras, especialmente na sua VI Sinfonia. Identificado com o vento e as tempestades, éco fiéis dos que se desencadeavam eternamente no seu espirito, escrevia assim:

"O meu reino está no ar, a minha alma vibra com os murmúrios do vento!"

Quando a sua surdez o isola em absoluto de todo o exterior, eleva-se acima da região das águas, remonta aos mais altos pináculos, e lança, divinizado, o seu



Acana de Heilicentstadt onde morreu Beethoven

"Trabalhando te elevarás ás alturas da tua arte: uma sinfonia mais, uma apenas, e então, fóra, fóra desta vulgaridade!"

Beethoven foi um teósofo fervoroso, um teósofo na verdadeira acepção do



Beethoven no seu leito de morte — aponta a meio da época

ções com a humanidade, não conseguiu apagar no seu coração a devoção por este ideal que se esforçou sempre em traduzir com a mais requintada expressão artística, e revigorar e aumentar pela introspecção filosófica e pela meditação."

"Beethoven — acrescenta Kerst — era um homem profundamente religioso no mais completo sentido da palavra, mas não um homem crenente em qualquer religião positiva. Nascido sob a égide da fé católica, conquistou desde verdes anos um critério independente na apreciação dos problemas religiosos. O seu período de livre pensamento e nacionalismo começou muito cedo. Isto não obsteu a que, nos últimos tempos, quando compoz a sua grande "Missa em re" em honra do seu protector, o arquiduque Rodolfo, pretendesse obter o logar de mestre de capela, o que não conseguiu, apesar da elevação do seu homenageado à categoria de arcebispo de Olmutz. A fórmula e as dimensões da sua missa tinham o defeito de sair

SOB O VÉU DEUSÀ ISIS

BEETHOVEN — TEÓSOFO

O único refúgio dum grande génio

térmo, procurando profundar a ciência das coisas divinas, e estabelecendo por si, e não por meio de ritos convencionais, a estreita comunicação com Deus.

Modêlo de místico lirismo teosófico são as páginas do seu testamento, em cujo final diz a seus irmãos: "Ensinai os vossos filhos a cultivar sempre a virtude, porque é a virtude, e não o dinheiro, que dá a felicidade. Falo-vos com experiência, porque na virtude encontrei sempre alívio para a minha miséria. O amor à virtude, com o amor à minha arte, salvaram-me da tentação de pôr fim aos meus dias."

Quanta amargura nestas curtas linhas! Friedrich Kerst, na sua magnífica obra: "Beethoven: o homem e o artista revelado pelas suas próprias palavras," faz estas afirmações:

"A música de Beethoven não era apenas uma manifestação do belo, uma arte, mas uma religião da qual ele próprio se sentia sacerdote e profeta. Toda a misantropia engendrada nêle pelas suas desventuradas relações com a humanidade, não conseguiu apagar no seu coração a devoção por este ideal que se esforçou sempre em traduzir com a mais requintada expressão artística, e revigorar e aumentar pela introspecção filosófica e pela meditação."

"Beethoven — acrescenta Kerst — era um homem profundamente religioso no mais completo sentido da palavra, mas não um homem crenente em qualquer religião positiva. Nascido sob a égide da fé católica, conquistou desde verdes anos um critério independente na apreciação dos problemas religiosos. O seu período de livre pensamento e nacionalismo começou muito cedo. Isto não obsteu a que, nos últimos tempos, quando compoz a sua grande "Missa em re" em honra do seu protector, o arquiduque Rodolfo, pretendesse obter o logar de mestre de capela, o que não conseguiu, apesar da elevação do seu homenageado à categoria de arcebispo de Olmutz. A fórmula e as dimensões da sua missa tinham o defeito de sair

dos moldes do ritual. Como se vê, a liberdade foi sempre o princípio fundamental da vida de Beethoven. O seu livro favorito era a obra prima de Sturm, "Deus na Natureza", que mais de uma vez recomendou aos sacerdotes que instruissem o povo com êle.

"Beethoven via a mão da Divindade nos mais insignificantes fenómenos naturais, manifestando assim ser um verdadeiro teósofo. Deus era para Beethoven o Princípio Supremo ao qual enlôa um hino na parte coral da IX Sinfonia, sôb as palavras de Schiller: "Miriades de seres, eu vos abraço! Um imenso abraço para o Mundo inteiro! Irmãos, sôbre a abóbada celeste deve morar um Pai amantíssimo!"

"As relações de Beethoven com a Divindade eram as de uma criança com seu pai, confiando-lhe as suas penas e as suas alegrias."

E, no entanto, nunca foi católico nem mesmo cristão!

"Certo dia — é ainda Friedrich Kerst que o revela — esteve Beethoven em grave risco de ser alcançado pela excomunhão eclesiástica por ter dito que Jesus tinha sido apenas o mais puro dos homens e um judeu.

"Haydn, ingenuamente piedoso, qualificava-o sempre de ateu..."

Não tinha razão o grande músico na apreciação que fazia do seu grande Mestre. Se Haydn pensasse uns momentos com frio raciocínio, verificaria que o colosso de Bonn era mil vezes mais deísta do que êle próprio. E Kerst remata assim as suas considerações:

As últimas palavras a seus amigos foram ao que parece as classicas "Plaudite, amici, comœdia, finita est", palavras que uns reputam sarcasticamente alusivas à

Ahora da inspiração.



Beethoven na pujança do seu génio

extrema-unção que, momentos antes, recebera, e outros como uma evocação socrática, pois admirava o grande filósofo grego.

Não devem ter razão os últimos, tanto mais que Sócrates não teve nunca semelhante expressão que era dos actores romanos solicitando os aplausos do público.

Como essas piedosas imagens que vemos nos altares, essa criança carregava com o pesado madeiro redentor da sua cruz, que era a sua música... uma música que esteve condenada a não ouvir desde os trinta anos até ao dia da sua morte.

No entanto, Beethoven, sendo surdo, dá-nos mundos de celeste harmonia como Homero ou Milton, sendo cegos, nos dão paisagens divinas que nenhum pintor ainda soube reproduzir fielmente na tela!

Sôbre a sua mesa de trabalho teve constantemente à vista a alegoria da Deusa egípcia Isis, e por baixo uma significativa legenda feita por seu próprio punho. Dizia assim: "Eu sou a que fui a que sou e a que serei e nenhum mortal levantou ainda o meu véu."

Festas de Caridade

«CHÁ MAH-JONG»

Com uma enorme e selecta frequência, realçou-se na tarde de quinta-feira 16 de Janeiro último, nos salões do Turf Club, a aristocrática agremiação do Chiado, um «chá Mah-jong» de caridade, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e corpo diplomático, de que faziam parte as seguintes: D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Alice Pinto Basto, D. Beatriz Figueira Freire da Câmara da Costa Veiga, condessa de Castro, condessa de Castro Marim, condessa das Galveas (D. Maria), condessa do Seisal, D. Daise Maria Cohen de Betencourt, D. Júlia Abecassis Seruia, D. Margarida Pinto Basto de Almeida, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Maria do Carmo da Silva Carvalho Santos Lima, D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Melo, D. Maria Eugénia Correia de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Fernanda de Melo Beirão, D. Maria Inácia de Castelbranco, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Maria de Pilar Sôto Maior Pinto Basto, D. Maria Tereza de Lancastre Ferrão de Castelo Branco, D. Pepita Teixeira Soares, D. Sofia Baerlein de Castel-Branco, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, cujo produto se destinava a favor da Casa de Trabalho da Divina Providência de Paço d'Arcos.

CARNIVAL ELEGANTE

Durante a quadra carnavalesca, marcaram pela elegância além de algumas festas particulares, em que sobressaiu a realizada na noite de segunda-feira gorda na elegante residência dos srs. Condes de Monte Real, as realizadas nos Clube Taumático, Grémio Literário, em Lisboa, e no Casino Estoril, na Costa do Sol.

As duas primeiras realizadas respectivamente nas noites de sexta-feira e segunda-feira gorda, foram elegantemente concorridas, oferecendo os salões das suas sedes, ambos na rua Ivens, aspectos verdadeiramente encantadores, para o que muito concorreu o grande número de famílias da nossa primeira sociedade que ali deram pontos de reunião, e a segunda efectuada no Casino Estoril, foi nas noites de sábado gordo e terça-feira de carnaval, constituiu sem dúvida alguma, o maior êxito da época de carnaval, não só pela animação em que decorreu, como sobre tudo pela sua selecta concorrência; em que notavam tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, tanto de Cascais e Estoril, como de Lisboa.

Casamentos

— Realizou-se na paróquia de Santa Maria de Belem, o casamento da sr.^a D. Licinia Folgado Costa, gentil filha da sr.^a D. Ana Folgado Costa e do sr. Henrique Pedro da Costa, com o alferes sr. Fernando Louro de Sousa filho da sr.^a D. Maria da Natividade Louro de Sousa e do sr. António Martins de Sousa.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Cândida Folgado da Costa Cerqueira e D. Aida Bela Castelo Branco Lucas de Sousa e padrinhos os srs. dr. João Dias Folgado e dr. Manuel José Lucas de Sousa.

Ao acto presidiu o reverendo prior da freguezia monsenhor Gonçalo Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria partindo os noivos depois para o Porto, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia do Socorro, realçou-se o casamento da sr.^a D. Matilde Sousa Feio Castro, interessante filha da sr.^a D. Matilde Romero de Castro e do sr. dr. Joaquim de Sousa Feio e Castro, com o dr. Augusto Ferreira Cabral, filho da sr.^a D. Maria Octávia Cabral e do sr. Gustavo Ferreira Cabral.

Foram madrinhas a sr.^a D. Henriqueta Vieira da Silva e a mãe do noivo e padrinhos o sr. almirante Vieira da Silva e o pai do noivo.

Presidiu ao acto o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lan-

che da pastelaria «Marques», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Para seu sobrinho o sr. Francisco Fons, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Rafaela Fons Tota, esposa do sr. Alberto Tota, a sr.^a D. Maria Tereza Joice, gentil filha do sr. dr. António Joice.

— Realizou-se na paróquia de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.^a D. Aurora Anglen da Cruz, com o sr. Vital António Colares Pereira, tendo servido de padrinhos por parte da

e Silva, irmã do noivo, e de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos tios da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos, um grande número de artísticas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Izabela de Souza e Castro Black Freire de Andrade, para seu irmão o sr. George de Sousa e Castro Black, a sr.^a D. Maria Tereza Henriques de Lencastre (Alcaçovas), gentil filha dos srs. Condes das Alcaçovas, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Presidido pelo reverendo Silvestre Gonçalves, prior da freguezia que no fim da missa fez uma

brilhante alocução, realizou-se na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Vinte Oito de Maio, o casamento da sr.^a D. Maria Gabriela Cordeiro Feio Mendes Pereira, interessante filha da sr.^a D. Julieta Cordeiro Feio Mendes Pereira, já falecida e do sr. José Alexandre de Campos Mendes Pereira, com o sr. dr. Edgard Loureiro Martins Flôres, filho da sr.^a D. Julieta Loureiro Martins Flôres e do desembargador sr. dr. Delfim Martins Flôres, tendo servido de madrinhas a sr.^a Condessa de Idanha-a-Nova, e a mãe do noivo e de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do pai da noiva um finíssimo lanche.

— Na Idanha-a-Nova realizou-se presidido pelo reverendo Joaquim Pedro Goulão, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Maria Stela Seabra Castel-Branco, gentil filha da sr.^a D. Ricardina Seabra Mascarenhas Castel-Branco e do sr. José de Campos da Silva Castel-Branco, com o sr. dr. Manuel Lopes Falcão Junior, filho da sr.^a D. Catarina Lopes Falcão e do sr. João Lopes Sanches Pereira, já falecido, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os srs. Ricardo Seabra Conde e dr. Manuel Lopes Falcão. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Lisboa, onde vieram passar a lua de mel.

— Para seu filho Rólliz de Macedo, director artístico e locutor do Rádio Condes, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria da Glória Lopes de Macedo, a sr.^a D. Ivóne da Costa Reinaldo, interessante filha da sr.^a D. Deolinda da Costa Reinaldo e do sr. Manuel da Silva Reinaldo, devendo a cerimónia realizar-se no próximo mez de abril.

D. Nuno.

VIDA ELEGANTE

noiva a sr.^a D. Zelly da Cruz Maury, e o sr. Carlos José Mário da Cruz, respectivamente tia e pai da noiva e por parte do noivo a sr.^a D. Maria Izabel Pessanha Barboza de Centeno e o dr. António da Costa Caldas, tio do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Pela sr.^a D. Maria Adelaide Guerreiro de Sousa, foi pedida em casamento para seu filho Manoel, distinto engenheiro, a sr.^a D. Maria Amélia Coelho de Campos, interessante filha da sr.^a D. Maria de Jesus Figueiredo de Almeida de Campos e do sr. Luís Coelho de Campos, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Na paróquia de Santa Maria de Belem, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Leonor Beltrão de Seabra Teixeira de Lemos, gentil filha da sr.^a D. Maria Francisca Seabra Beltrão de Matos Teixeira de Lemos, e do sr. Joaquim Teixeira de Lemos, já falecidos, com o distinto engenheiro agrônomo sr. dr. Nuno Botelho de Gusmão, filho da sr.^a D. Josefina Botelho de Gusmão e do sr. dr. Nuno Gonçalves Botelho de Gusmão, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os drs João Velho Guedes de Matos e Eduardo Fernandes de Oliveira, tio dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência da mãe da noiva, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Celeste da Natividade de Mascarenhas, interessante filha da sr.^a D. Angelina de Mascarenhas e do sr. Ernesto de Mascarenhas, com o sr. dr. Rodolfo Lavrador, filho da sr.^a D. Maria Eloisa Lavrador, já falecida e do sr. Francisco José Lavrador, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Luiza Lavrador



Casamento da sr.^a D. Maria Helena do Rosário Santos com o sr. Marc Le Noir. Os noivos e os convidados na capela dos Confeitiros

A GRAÇA DO BRINQUEDO

Não há mulher nenhuma, que não sinta o encanto do brinquedo. Não só porque no espírito feminino ha sempre uma certa infantilidade, mas também porque o instinto da maternidade, que existe em toda a alma de mulher normal e bem formada, lhe faz sentir o prazer que o brinquedo causa á criança e a felicidade que ela sente ao recebê-lo.

Ao passar numa vitrine em que estão expostos brinquedos, ao entrar num basar em que ha milhares de brinquedos, todas nós, nos alvorçamos e sentimos o prazer das crianças queridas para quem os vamos comprar, e, escolhemos segundo as predileções que elas mostram, o que mais lhes pode agradar e as pode encantar.

É bem natural este sentimento, porque em todos nós perdura a recordação da infância. Porque foi o tempo mais feliz da nossa vida como muito se tem usado dizer? Não, porque ha infâncias que não foram felizes, crianças que perderam os pais, outras que a mãe deixou, e essas infâncias foram forçosamente tristes.

Esta persistente recordação da infância que se alonga pela vida fóra e que persiste mesmo nos velhos de avançadíssima idade, que esqueceram muitas vezes tudo, mas se lembram sempre de quando eram pequenos, e que falam desse remotíssimo tempo como quem fala do que passou ontem, deve vir talvez de que são anos em que vivemos com toda a força, com toda a energia do organismo e que na nossa imaginação, «film» por estrear, mais se retratam e mais duram.

É por isso que dar felicidade a uma criança é dar-lhe sol que doire toda a sua vida, por longa que ela seja.

O brinquedo é um dos elementos de felicidade para a criança, todos nós em pequenos tivemos um ideal de brinquedo mais ou menos realizado e que nos fica pela vida adiante.

Em criança uma das minhas fantasias era ter um cãozinho de pelo, que imitasse muito bem os cães vivos de que tinha um certo medo. E

com as suas expressões de crianças precoces, duma graça latina com séculos e séculos de civilização em que se sente a vivacidade duma raça.

As bonecas francesas com os seus caracóis admiravelmente penteados e as boquinhas franzidas, sempre num gesto de coquetismo, que nós encontramos nas crianças desse país, onde desde a boneca á mulher só ha um desejo: ser bela e agradar.

Nas bonecas inglesas temos o «baby» esse ingénuo boneco, que tem a deliciosa expressão do menino da sua raça, desse animalzinho perfeito, sem precocidades nocivas, admiravelmente tratado, que é o bébé inglês.

A boneca alemã, com as suas bochechas redondas, as suas trancinhas cõr de palha de trigo, é bem a boneca que há de encantar essas plácidas crianças, que as admiram, com os seus olhos dum azul de faiança.

Mas o brinquedo não é só a boneca são tantos e tão variados, que hoje nós os grandes ficamos perplexos diante das predileções das crianças.

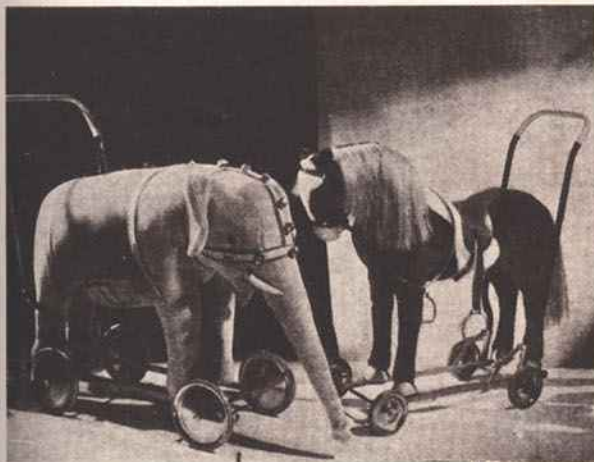
Nós que nos contentávamos com uns cubos de madeira, para fazer construções, vemos os pequenos sorrir desdenhosamente diante dessas coisas e exigir um «mecano» para fazer aviões, gruas, camionetes, com uma perfeição que nos faz supor, que essas crianças não terão muito que estudar para serem uns consumados engenheiros, capazes de fazerem as mais admiráveis obras.

As pequenas máquinas fotográficas já as não contentam, tem de ser uma máquina de filmar. E serão mais felizes estas crianças com estas exigências do que nós eramos, com as bonecas de «biscuit» com enormes olhos parados, com carrinhos de lata puchados a cavalos coxos?

Não são mais felizes nem menos, a infância ha de ser sempre no fundo igual, o meu cãozinho de pelo, será para uma criança de hoje, um pequeno automóvel que se possa guiar de dentro, e se não o obtiver será um sonho, que lhe fará palpar o coração diante dum avião, que será o meio de transporte mais usado, quando essa criança fór grande e tiver a minha idade.

A infância é sempre a mesma e é bem natural que uma época de inventos e de inovações a criança aspire a brinquedos que se coadunem com tudo o que as rodeia.

Há só um brinquedo que perderá sempre, que é a boneca. A pequenina de hoje



nunca tive esse cãozinho, tive muitos brinquedos alguns lindos, para aquela época, mas o cãozinho foi um ideal que se não realizou e hoje quando vejo um lindo cão para as crianças brincar, ainda sinto uma certa emoção.

Não ha como os ideais, que se não realizaram para durarem no espírito e para serem os mais queridos, aqueles que na idade madura, se lembram com uma mais funda saudade é uma maior ternura.

O brinquedo tem-se aperfeiçoado extraordinariamente nestes últimos anos. Como estamos longe de certas bonecas conservadas nas famílias como reliquias que tinham o corpo em pelica, cheio de serradura e a inexpressiva cara em cera.

Hoje a boneca tem expressão, tem por assim dizer vida. Ha as bonecas «signées», as Lenci,



tem naturalmente como a de todos os tempos, a paixão da boneca, que nasce com ela, com esse instinto da maternidade, tão interessante e tão natural na criança que será mulher e que será mãe!

A minha opinião é que as mães devem até desenvolver nas suas filhas essa predileção pela boneca, que a fará ter sempre o interesse, pela criança mais pequenina, e mais tarde pelos filhos. Acabemos com esse tipo de mulher que nos trouxe o «après guerre», que se não interessava pela criança.

Mas como o brinquedo é o encanto de todas as crianças ricas e pobres, habituemos aqueles que vêem todas as suas fantasias satisfeitas a dar aos pobresinhos, ás pobres crianças, que nem só de pão precisam, mas também dum pouco de ideal, desse ideal, que a fantasia dá a pobres e a ricos, os bonecos que já não querem, que já os cansaram. E esse boneco desprezado posto de lado vai acender uma centelha de alegria no olhar triste duma criança infeliz. E nada há de mais injusto do que uma criança infeliz. Tenho a certeza que as crianças que dão os seus brinquedos velhos, sentirão uma grande alegria ao ver a satisfação dos que as recebem.

O brinquedo é sempre encantador porque representa a alegria da criança, a melhor e a mais sã das alegrias, aquela que tem no cristalino do seu riso um pouco de alegria celestial dos anjos.

Essa circunstância deve bastar para que o olhemos com carinho e lhe dediquemos um pouco da nossa atenção.

Maria de Eça.



duque de Clarence, irmão mais velho de Jorge V soureu o grande desgosto de ver morrer o seu noivo, mas as razões de Estado entendiam que ela devia ser a rainha de Inglaterra e nunca essas razões escolheram princesa, mais digna de presidir a um Império.

Curioso-se ao dever e ao bem do seu país a princesa casou com o que então era príncipe de Gales e o seu coração de mulher digna, de mulher que sabe dedicar-se, aficou-se ao seu marido e esse casol unido pela razão de Estado, deu ao seu país e ao mundo o mais lindo exemplo de vida conjugal.

No tempo da corte, um pouco frívola, de Eduardo VII, os príncipes de Gales deram com a sua vida regrada, correta, inteligente, uma lição, a sociedade daquela época e ao mundo inteiro.

Espôsa dedicada dum homem de espírito sério a rainha Mary integrou-se no seu sentir e dedicou a sua vida a obras sérias e interessantes.

Como mãe, a rainha deu ao seu povo a satisfação de ter, uma exemplar mãe no seu trono.

De inteligência muito culta a rainha Mary escreveu alguns livros muito interessantes, que raros conhecem e que a classificam entre as senhoras de real valor.

Até ao fim acompanhou o seu marido e o seu rei, com uma dedicação de todos os minutos, e como rainha viúva ela saberá aconselhar seu filho, e manter o seu lugar de primeira senhora do seu reinado, até que o actual rei escolha a que deverá suceder-lhe no trono.

E não admira que o rei seja difícil na escolha, porque a figura moral de sua mãe deve imprimir-se-lhe de tal maneira, que a princesa que lhe suceda tem de ser um conjunto de perfeições.

Tem uma grande influência num país e num reino, a rainha que acompanha aquele que tem o dever de reinar. Depende e muito da rainha a feição moral dum corte.

A rainha Mary nos seus 25 anos de reinado soube acompanhar o Rei e o povo nas horas boas e nas horas más.

Maria de Eça.

A moda

COMEÇA já a delinear-se a moda da primavera, ela vem ainda longe mas começa já a despontar nas mulheres o desejo de variar, de abandonar os pesados abafos, que as engrossam e tornam menos esbeltas.

As peles que as hão-de defender das agrestes brisas primaveris, que depois dáte inverno de terrível humidade não deixarão de aparecer, são já ligeiros abafos, que nada têm que ver, com as grandes peliças, que no inverno defendem as delicadas elegantes.

Os vestidos mais ligeiros fazem nos já lembrar de que Março é o mês em que a primavera começa e experimentes, que o nosso lindo sol, que este inverno tanto se escondia, a doirar com os seus benéficos raios e permita que as elegantes arvoreem as suas novas «toilettes» e os seus ligeiros abafos, que são mais uma ocasião de se exibirem, do que uma verdadeira necessidade.

Para as saídas de manhã nada de mais prático do que este vestido «tailleur» da mais clássica simplicidade e a que duas lindas roupas «ar-gentées», dão o ar do mais perfeito conforto, que pela manhã no higiénico passeio a pé não é nada para desdenhar.

Um gracioso chapéu de palha desta palha moderna e baça, dá-lhe a nota primaveril.

Como «toilette» simples, nada mais gracioso e gentil do que o simples vestido em lã que apenas tem como guarnição um grosso cordão em seda, que forma alamares. Este ano os alamares estão muito na moda.

PÁGINA SFEMININAS

Estes alamares são seguros por uns graciosos fechos em metal. O cinto é formado pelo mesmo grosso cordão, assim como a guarnição das mangas. E' um vestido juvenil e do melhor efeito, muito prático, pôde ser usado debaixo dum casaco, por casa, e, na rua, com um gracioso chapéu e umas raposas ou uma pequena capa, fará uma elegantíssima e engraçada «toilette».

Para a tarde para a saída dos chás elegantes, nada melhor, do que o gracioso mantellete em «visour», de que damos o modelo. E' interessante ver como as modas giram, giram e voltam de novo ao mesmo ponto de partida. Quem nos diria, que ainda havíamos de admirar e usar mantelletes?

Sobre um vestido de veludo preto inglês, é do maior «chic». Completa a «toilette» um gracioso chapelinho em «laige» enfeitado com uma atrevida pena, regressamos também aos enfeites nos chapéus.

O casaco ao lado um lindíssimo veludo frapé é do melhor gosto e elegância, mas considerado em Paris um casaco de primavera é talvez, para o nosso país um pouco pesado. No entanto a sua elegância é inegável e usado sem a gola móvel em roupa, que o figurino apresenta, torna-se mais leve e prático para o nosso país.

Como vestido de noite temos uma das últimas novidades um vestido em «crêpe cloqué» da maior simplicidade.

A novidade está na guarnição em arminho branco, que rodeia o decote descaindo sobre os ombros, e, que forma uma laçada, adornada com as pequenas caudas dessa pele, e, também nas mangas.

Para a noite usam-se agora as mangas compridas até ao pulso, é para notar como vem sempre em tudo a reacção: depois de se usar os braços nus até ao ombro, dia e noite, hoje mesmo nos vestidos de noite de grande «toilette» vêem-se as mangas compridas.

Como a moda varia! Mas esta é mais senhoril e distinta.

Higiene e beleza

O perfume é uma das coisas, que mais se deve harmonizar com a beleza da mulher. Mas não só com a beleza tem de se harmonizar o perfume, mas também com o ambiente. A mulher elegante não pôde usar no campo o mesmo

perfume que usa nos salões da cidade. O perfume da cidade deve ser uma mistura de perfumes, que o torne tão único, que ao longe se possa reconhecer uma mulher pelo perfume que evola, e, que no ambiente que a rodeia se encontre sempre a mesma atmosfera.

Mas quando esse perfume é sintético não se harmoniza com o ar do campo ou os effluvíos marítimos. Então torna-se necessário um perfume natural, um perfume de flores, e nada há melhor para se harmonizar com a atmosfera campestre do que um simples perfume, como rosa branca, ou alfazema de Vardley, esse perfume tão simples, que não chega a ser uma mudança no ambiente e que se harmoniza com o campo, com o mar e com o ar rude da montanha.

O feminismo no Oriente

Na China a mulher de pele cor de marfim e olhos oblíquos experimenta libertar-se das velhas tradições que sobre ela pesam tão duramente.

A viúva de Sun-Yat-Sen, o criador do movimento nacionalista chinês, inaugurou um insti-



tuto político para as mulheres. No seu discurso declarou ela, que as mulheres chinesas deviam receber ensino político, afim de poderem participar na revolução nacional, que segundo ela deverá assegurar a liberdade do país e permitir a emancipação da mulher.

Este discurso visava a dar coragem à mulher para entrar na luta pelos seus direitos, que na China tão espinhosos tem sido.

As mulheres orientais estão norteando o caminho, que devem trilhar e tratam assim de adquirir os privilégios a que têm direito e as hão de igualar às mulheres de todo o mundo.

Nesta época de civilização mundial, de tão laças comunicações, não é fácil conservar a negra escravidão, que até há pouco subjugava e torturava a mulher chinesa.

A mulher e a equitação

APESAR do lugar proeminente do automóvel na vida moderna, as mulheres elegantes e desportivas não abandonaram a equitação, que é um dos mais higiénicos desportos, e, que será sempre um dos que mais marcará como desporto elegante.

Entre nós algumas senhoras se dedicam a este desporto, mas talvez sem o entusiasmo que

já houve por ele há alguns anos. No estrangeiro a equitação é sempre preferida pelas mulheres elegantes.

Em Inglaterra e na França são numerosas as amazonas, que se distinguem; entre ellas occupa um dos primeiros lugares M.^{me} Frey, umas das mais distintas amazonas de Paris, muito conhecida na Avenue des Acacias, onde passeia de manhã a sua elegância.

Antes de sair visita os seus «pur sang» e nos seus «hoyes» parece pedirem à sua dona, para serem o preferido nessa manhã. Madame Frey dumha distinção severa não suporta as fantasias que se estão adoptando na «toilette» de montar a cavallo.

Acha que os feltros e as boinas podem ser usadas com um vestido de passeio, os «sweaters» adaptados a outros desportos, mas nunca usados por uma amazona que se preze. Para M.^{me} de Frey o mais elegante dos desportos é a equitação e, como tal, exige a maior correção no vestuário, que não deve afastar-se das antigas moldes.

«Modernisemos essa «toilette» desportiva, mas não a modifiquemos» — é a frase habitual da elegantíssima Madame Frey, e têm a requintada parisiense razão.

Nada mais distinto e elegante do que uma amazona bem montada, e, vestida com a severa elegância dumha «toilette» irreprensivelmente cortada.

Será sempre um dos desportos preferidos pela mulher, porque quando bem montada, a amazona valorisa a sua força e a sua distinção e bem o prova Madame Frey que não monta o «califourchon» e que enche de beleza e elegância a Avenue des Acacias quando galopa de manhã num dos seus magníficos cavalos, vestido com a mais severa correção o traje de amazona.

Receitas práticas

Galantina de frutas à norueguesa: — Desovam-se as frutas abríndolo-lhes o ventre. Deitam-se numa tijela alguns pedaços de pescada sem peles, nem espinhas, sal, pimenta, nós moscada, 50 gramas de manteiga, uma pitada de pimenta de «cayenne» que se amassa para misturar bem na pescada, faz-se um recheio grosso; junta-se-lhe um ovo e um pouco de leite, as frutas picadas, guarnecem-se e apertam-se com um guardanapo, cozem-se em leite temperado com sal; deixam-se arrefecer um pouco, comprimem-se para lhes dar a sua forma; tira-se-lhes o guardanapo e a pele, colocam-se na geleira. Depois servem-se com arroz e salada russa. Podem servir-se também com molho de «mayonaise» ou molho de tomate.

Bolinhas de batata: — Desfaz-se bem a bolina, depois de cozida e junta-se-lhe a terça parte em volume de gémas de ovos batidos, com farinha e açúcar, mas não muito engrossadas. Deita-se na frigideira com azeite a ferver e uma colher de massa e fazem-se os bolinhos. Depois de fritos polvilham-se com canela e açúcar.

De mulher para mulher

Uma elegante: — Não minha senhora, o código da elegância não exige de manciara nenhuma, que uma elegante use na Quaresma vestido preto. Só na Semana Santa, há esse uso, mas se V. Ex.^a quer fazer um vestido preto, faz muito bem, porque uma mulher vestida de preto fica sempre elegante.

Rosa branca: — Já se

não usam esses enxovais exagerados, e, diga-me, para que serve a sua mãe ter essas malas cheias de roupa, fora da moda. Faça mais duzia de «rapures», em seda, muito boas e bonitas rendas. Certamente que a sua roupa agora, também é bonita e cuidada, aproveite a que está em bom uso. A moda varia continuamente. O «tailleur» é o mais prático para a viagem.

Odette: — Para a sua filha aconselho os livros de Maryan e Dolly, são muito interessantes e muito próprios para uma menina dessa idade. Os livros de Marlitz também são muito bons e há boas traduções em francez, visto que é essa língua que a deseja fazer lêr. Na Livraria Bertrand, encontram-se esses livros.

Poetisa e crítica

Entre as poetisas francezas, brilha um nome, que não é muito conhecido entre nós, mas que em França é muito apreciado.

Madame Marie Thérèse Gadala é uma das mais interessantes poetisas modernas, mas é também uma prosadora lístre. Na critica os seus livros são excelentes. Um deles «Tel que je les vois» obteve o Grand Prix pró Arte, de Marselha.

As suas qualidades de crítica dumha visão clara e nítida revelam-se em todas as páginas desse livro, em que o seu fulgurante talento iguala a sua gentileza de espirito.

Como poetisa tem publicado vários livros todos do maior interesse. Entre elles «La symphonie éternelle» e um livro de poemas «L'anneau de Cristal», para o qual Elena Vaccaroso a grande poetisa romana, protegida e amiga de Carmen Sylva a rainha escritora, fez um lindo prefácio no qual diz: «O anel aqui simbolisa o noivado do sentimento e da música apoiados um ao outro». E nada poderá definir melhor o talento harmonioso de Marie Thérèse Gadala, claro, fino e dumha suave expressão.

Pensamentos

Peixe pequeno torna-se grande, se Deus lhe der vida.

O pudor é o mais belo ornamento da mulher.

A juventude passa depressa e sempre com a preocupação de que já se é velho; mas sinal é quando se começa a dizer que se é novo.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 44

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

ZÉ NABO

N.º 9

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

DAMA NEGRA

N.º 10

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 11, Maria Luíza

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 15 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávo, Cantente & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Kábula, Magnate.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 13. — Salustiano, 12. — Rei-Luso, 12. — Só-Na-Fer, 12. — Só Lemos, 12. — Sonhador, 11. — João Tavares Pereira, 11. — Lamas & Silva, 9. — Salustiano, 9.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 7. — Lisbon Syl, 7. — Aldeão, 7

DECIFRAÇÕES

1 — Borrás-rasca-borrasca. 2 — Ato-talho-atalho. 3 — Bode-degas-bodegas. 4 — Malhadouro. 5 — Itomaca. 6 — Século-sêlo. 7 — Auriga-auga. 8 — Agarico. 9 — Ananizado. 10 — Motivo-movo. 11 — Graúdo grado. 12 — Denodo-dedo. 13 — Fuxico-fuco. 14 — Mandato-manto. 15 — Homem sem abrigo, pássaro sem ninho.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Essa ordem é de um homem notável e sensato. (2-2) 3.

Lisboa

D. Dina

2) Oh, mulher formosa, que me obrigas a andar sem destino e a vaguear! (2-2) 3.

Lisboa

Kossor

3) Na margem de um rio, aspirando bom ar, descobri um conchego. (2-2) 3.

Lisboa

Ti-Beado

NOVÍSSIMAS

4) Próximo de me encher de raiva abato quem me vexar. 2-3.

Lisboa

Chim Pan Zé

5) Com sossego e ocasião é que eu gosto da pândega. 2-2.

Lisboa

D. Campeador

6) Acho «pouco» o «ordenado» para moço de taberna... 1-4.

Lisboa

Miss Diabo

7) Ó Sê Zé!... É parecido com o meu, o seu dedo anular. 1-3.

Lisboa

Stop (Grupo dos Verdes)

8) É medonho o susto da «mulher» quando chove com estrondo. 2-2.

Luanda

Ti-Beado

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 53

SINCOPADAS

9) Só faz uma boa opereta quem cadencia a música. 3-2.

Lisboa

Lérias

10) O homem feroz é um completo animal. 3-2.

Luanda

Ti-Beado

(Ao Ferjobatos, com um abraço)

11) Tens um carácter leal 3-2.

Lisboa

Veiga

12) Bramido rude. 3-2.

Lisboa

Xis & Grego

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

(Ao meu amigo Leba)

13) Descobre que, depois, v'rás no final Surgir uma doença habitual.

Leiria

Magnate

14) Com duas letras Das invogais, Muito dinheiro Apresentais.

Luanda

Ti-Beado

LOGOGRIFO

«Não se civiliza um povo a tiro e à bomba. Exterminar uma nação para que nela não haja escravos é eficaz mas parece-me radical demais.»

Júlio Dantas («Primeiro de Janeiro»)

15) Mussolini, o ditoso italiano, — 5, 7, 3, 1. Ministrou aos rapazes instrução. — Foi mestre-escola se me não engano. — Mas vamos à essência da questão... — 1, 4, 2, 7.

TRABALHOS DESENHADOS

23) ENIGMA FIGURADO



Leiria

Kábula

Na folga das lições aos seus alunos —

Foi lendo a história antiga, as incur[sões]

Nos países da Europa pelos hunos, Dando sobre esse horror, talvez, li[ções]. — 7, 5, 4, 7.

Rodando, o tempo abriu caminho ao

E o simples «bersagliere», o professor, Tornou-o a sorte um condutor de

Fêz dêle a extrema audácia um ditador.

Diz, no poder, o ditador de Itália: — 5, 1, 5, 7. «De que serve a Abissínia ao Rei dos Reis? «Ligada à Eritreia e à Somália «Que linda jóia!» E o resto já sabeis... — 5, 4, 2, 1.

A agressão brutal! E pouco importe A ausência da Justiça e da Razão... Prima, em regra, ao direito a lei do forte... E a guerra! O massacre! Assolação!

Lisboa

Sileno

MEFISTOFÉLICAS

16) Se fôr aos meus arredores Há de se satisfazer Com manjares, os melhores, Que lá lhe hei de fornecer. (2-2) 3.

Lisboa

Dr. Magrinho

17) Em grande espaço reina o sol gentil, Na selva ruga fera bem galante E, mais ao longe, homem sandeu e vil Dispõe do Mundo inteiro, a seu talante.

Com seu cachimbo vai, de lado a lado, Buscando a prêsa meiga e descuidada; E logo crava seu punhal raído E tudo mata, assim, à gargalhada.

E nada existe, nada lhe resiste; O Mundo inteiro nem para êle chega! E quem detém aquela marcha triste?... Talvez alguma dama, alguma pêga! (2-2) 3.

Lisboa

Silva Lima (T. E.)

18) Não se chegue à minha beira Falta-me a respiração. O senhor, dessa maneira, Faz-me até sufocação. (2-2) 3.

Lisboa

Vina

NOVÍSSIMAS

19) Quando um dia chegar a minha vez De quinhoar no bôlo da Ventura, Verás, então, — vaidosa criatura! — Manente em mim ainda a viúvez

Desta coisa tão vã: — a Altivez! No peito meu, albergue da amargura, — 2 Franca pousada, enfim, da desventura... E mansão predilecta do revés...

No peito meu — dizia — nunca teve E nem terá cabida, embora breve, «O» sentimento ignaro da vaidade! — 1

É linda e rica e só por tal razão Presume e faz mistério da paixão Que lhe talou a insensibilidade!...

Silva Pôrto-Bié

Efonsa

SINCOPADAS

20) Tive um conflito outro dia Com o meu amigo Braz. Quis mostrar a valentia, Levou nas ventas p'ra trás. 3-2

Elvas

Gigantezinho

21) Chapéu velho o meu? — Deixá-lo! Quem de «massas» anda falho, Mesmo assim, para agüentá-lo Luto com grande trabalho. 3-2.

Coimbra

José Tavares

22) Uma caneca de vinho Da qualidade mais fina Não vale um copo sequer De água simples, cristalina. 3-2

Tramagal

Padre Matos

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A GUERRA À CRIANÇA

Por toda a parte se combate pelo aumento da população.

Oferecem-se prêmios ao casal que der maior número de rebentos, para desfazer o receio que as dificuldades de vida levam a todos os lares remediados.

Os pobres lá se convencem, e mesmo sem prêmios dão constantemente filhos à pátria querida que os rapazes um dia hão de servir nas fileiras.

Os ricos, por comodidade, evitam a procriação, e a êsses, como não precisam, não há recompensas que os movam a desistir de armar altares á deusa esterilidade.

É uma guerra á criança, — platónica, — este certo, porque é contra o inexistente — está de privar uma casa do bater de asas dêsses anjinhos de graça e de encanto.

A não ser por incapacidade orgânica, todos os casais que passam pelo registo civil deviam ser obrigados a apresentar uma determinada prole, dando-se ajudas de custo aos mais necessitados e facilitando a entrada das crianças nas escolas do Estado.

Já não se póde fazer o mesmo com os pares ligados livremente, porque dêsses seria melhor que nenhuma cria viesse a aparecer, visto que os pais, em tal condição, freqüentemente abandonam os filhos, deixando a mãe a debater-se com a miséria, á cata duma côdea para si e os miudos, órfãos de pai, com o pai vivo ainda — amargo paradoxo, e cruel problema que continua insolúvel. Ou poderia aplicar-se a mesma sanção, se os filhos abandonados fôsem recolhidos nos orfanatos, como os legítimos órfãos.

Seria uma medida caridosa e justa, uns homens corrigirem a falta de outros homens.

Há ainda a guerra feita por preconceitos que levam as mãis solteiras a des- embarçar-se dos filhos, para esconder a sua falta.

E esta, se bem que a mais criminosa perante a lei, ainda admite a piedade das nossas consciências, calculando o desespero de uma pobre rapariga que vê o seu futuro destruído por um seductor sem escrúpulos.

Se antes de nascida ou apenas nascida, já a criança tem quem a combata, depois de andar por este mundo parece que um ódio tórvo a persegue, como se ela fôsse a maior calamidade a afligir um país.

Uma mulher, com um filho nos braços, passa tormentos, para conseguir trabalho. Ninguém a quer em casa. A creaturinha chora, enerva as patrões, a mãe tem que perder tempo a amamentá-la, e por uns minutos perdidos na mais santa das ocupações lá vai a mulher para a rua, porque não convém, porque quem paga quer o serviço feito e porque é massador, uma serviçal, mesmo a dias, com um filho a reboque.

Essas senhoras tiveram filhos, sabem o

que é esse amor que leva a todos os sacrificios — creio que algumas o saibam — mas os garôtos cresceram, os maus bocados passaram e já está tudo esquecido. Para as suas pobres irmãs na dôr de parto e nessa dôr maior ainda do criar, com mil sustos e cuidados

por aquela vidinha tão frágil e tão preciosa, elas não têm a menor compaixão.

Porque o miudinho chora, porque molha os encerados, porque desvia a mãe, por vezes, do panno do pó ou da escôva dos esfregados, dispensam os seus serviços impiedosamente, e a mártir de um amor que devia ser glória lá vai continuando a subir o seu calvário, de porta em porta desdenhada, porque traz consigo o fruto de uma hora de fraqueza ou da sua infelicidade de esposa pobrezinha, a querer auxiliar um lar onde outras boquitas esperam a magra pitança do seu esforço conjugado com o trabalho do marido, que moureja por outras paragens.

É negro o quadro, mas há mais ainda. Um escrito numa janela aponta um quarto vasio.

Em busca dum abrigo onde aninhar os seus filhitos, sóbe a escada o pai pressuroso.

O quarto, escasso, sombrio e sem janela, puxado no preço, ainda assim convinha. Quem é pobre não têm exigências, contanto que haja onde estender uma enxerga e alinhar duas panelas, para o rancho.

Mas esse quarto, exíguo nas dimensões e grande na renda, torna-se um paraíso inabordável, uma fortaleza que nem lágrimas nem a descrição de uma penosa vida conseguem render.

A dona da casa não quer lá crianças, fazem barulho e estragam tudo.

E por aí segue a caravana da desgraça, os pais lastimando a sua sorte por terem



filhos, batendo aqui, sondando acolá, a ver quem os quiere recolher, implorando, como caridade, um abrigo que pagam com juro de agiota cortando no pão que comem.

Se a população é precisa, faça-se tudo por ela.

Mas proteja-se a criança contra estas especulações negativas.

Quem aluga quartos não deve ter o direito de recusar alojamento a casal com filhos.

Uma casa de negócio não regeita fregueses, sob qualquer pretexto, salvo se perigar a ordem ou a moralidade do logar.

Ter filhos não é imoralidade nem desordem, visto que é até uma obrigação cívica, além do preceito divino.

Assim, estão a tornar em maldição o que devia ser benção.

Realmente, com a criança desta fórmula guerreada e desprotegida, que entusiasmo póde haver em dar cidadãos ao seu país, para depois de uma existência cheia de miséria e de obstáculos ver cair seu filho na lama duma trincheira, sem saber se poderá erguer-se ainda?

Todos alardeiam de patriotismo, mas não querem compreender que essa criança que hoje escorraçam é o soldado de amanhã.

E é este afinal o maior, o imperdoável pecado da nossa época egoísta.

Mercedes Blasco.



Um admirável salto em esqui

O desporto constitui na Alemanha a própria base do ensino físico e moral da raça; por isso progride e conquista triunfos prestigiantes para o país.

Noutros países é levianamente encarado pelos dirigentes surdos à voz tumultuosa que se ergue dos estádios, ignorado, censurado, desprezado e troçado, por aqueles cujo dever era acarinhá-lo e dar-

-lhe condições de vida folgada. Por isso vegeta na mediocridade e nada vale como elemento de propaganda nacional.

O programa olímpico dos desportos de inverno compreendia um torneio de hockey em gelo, três provas de patinagem artística, quatro corridas em patins, duas em "bobsleigh" e sete provas em esqui.

A nação que, numa hipotética classificação geral, melhor lugar obteria, foi a Noruega: 7 primeiros lugares e 5 segundos. Siguem-se-lhe a Alemanha e a Suécia.

O campeonato de hockey deu motivo a uma autêntica surpresa, a derrota do grupo do Canadá, vencedor em todos os anteriores Jogos e campeão do mundo desde sempre. Inesperadamente batido pela Inglaterra nas "poules", meias-finais, transitou para o final com o peso dessa derrota que um regulamento estranho impunha como definitivo. E apesar das provas de superioridade que demonstraram até final do torneio, os canadianos viram-se relegados para o segundo posto, precedidos pela Inglaterra que alcança o título de campeão sem haver conseguido bater nem a Alemanha nem os Estados- Unidos.

O feticionismo do público alemão durante a prova originou severos comentários nos meios internacionais. Durante o

A QUINZENA DESPORTIVA

encontro de hockey no qual os canadianos deram aos alemães uma lição magistral, foi o estádio olímpico cenário de desagradáveis incidentes.

Furiosos por verem os seus compatriotas derrotados, os espectadores alemães entregaram-se a manifestações absolutamente despropositadas. Os canadianos foram assediados nas ocasiões em que realizavam prodígios de técnica, e não há memória de semelhante incompreensão por parte dum público. O caso originou grande indignação nos estrangeiros que se encontravam presentes, os quais sentiram quanto é perigosa semelhante interpretação nacionalista do desporto.

Os vencedores das provas de patinagem artística foram aqueles que toda a gente esperava: a norueguesa Sonia Henie, pela quarta vez coroada campeã olímpica, o austríaco Karl Schaeffer e o par alemão Maxie Herber-Ernst Baier.

Os concorrentes foram muito numerosos e entre as revelações mais surpreendentes apontam os técnicos uma japonesa de dez anos, na qual alguns supõem prever uma sucessora da "fada Sônia".

As corridas em patins constituíram um extraordinário triunfo para o norueguês Ivar Ballangrud, vencedor nos 500, 5.000 e 10.000 metros, segundo classificado nos 1.500 metros em que um compatriota, Mathisen, realizou melhor tempo.

Ballangrud é já um velho patinador, tomando esta designação no sentido da veteranaria de prática, pois já em 1926, há dez anos, alcançara diversas vitórias nos campeonatos do mundo.

As duas descidas em "bobsleigh", numa pista cujo traçado mostrou a única imperfeição dos organizadores, foram férteis em incidentes e vários concorrentes alcançaram como meta o hospital, felizmente sem graves consequências. Os suíços alcançaram os dois primeiros lugares na prova de quatro tripulantes e o segundo lugar na prova de dois tripulantes, cujo vencedor foi um carro americano.

O programa do esqui foi a maior atração dos jogos e a secção onde o valor desportivo dos competidores melhor se destacou.

As provas combinadas de descida e obstáculos, para homens e senhoras, foram ambas ganhas por alemães, Franz Pfnür e Christel Cranz; a corrida de estafetas foi vencida pela Finlândia que

bateu a Noruega por trinta metros, após um duelo épico; no combinado de saltos e corrida classificou-se em primeiro lugar um norueguês, Hagen, que na corrida simples de 18 quilómetros obteve o segundo lugar, precedido pelo sueco Larsson.

O concurso de saltos em esqui, a prova mais espectacular e atraente, deu a palma a Birger Rund, outro norueguês, cujo mais sério rival foi outro sueco, Sven Eriksson.

Finalmente na corrida de 50 quilómetros, verdadeira maratona sobre a neve, a equipa sueca alcançou um formidável triunfo: quatro participantes nos quatro primeiros lugares, sendo Elis Viklund o melhor.

O conjunto das classificações prova a nítida superioridade dos atletas escandinavos, vencedores de todas as corridas em esqui e patins, deixando apenas fugir os combinados descida e obstáculos, cujo significado é mais de audácia acrobática do que valor desportivo puro.

A multidão de forasteiros que durante a semana dos jogos afluíu a Garmisch foi avaliada num milhão de pessoas. Segundo os comunicados oficiais o número de bilhetes vendidos nos diversos estádios excedeu 800.000 e no dia do encerramento cerca de 140.000 espectadores ocupavam as tribunas do recinto onde se realizou a prova de saltos em esqui.

Para albergar e satisfazer as necessidades de toda esta gente numa povoação que normalmente comporta 5.000 habitantes, não se pouparam os organizadores a esforços, instalando sobretudo restaurantes e cervejarias onde todos os apêlites encontravam satisfação, e adaptando a hospedarias e lojas às casas disponíveis.

O acontecimento de maior relevo no campo nacional foi o encontro final do campeonato de Lisboa de futebol, para desempate entre os dois mais gloriosos clubs da cidade, o Benfica e o Sporting.

Era este o 105.º encontro oficial entre os dois velhos rivais, em vinte e nove anos de constante actividade desportiva, numa competição tão renhida que os adversários chegam ao cabo de longa carreira em quase perfeita igualdade: o Benfica foi três vezes campeão de Portugal e o Sporting duas, mas, em compensação o club dos "leões", conquistou o seu décimo torneio regional, que os "águias" alcançaram uma vez menos.

Em 105 jogos, registam-se 46 vitórias sportinguistas, 39 benfiquistas e 21 empates, 171 bolas a favor dos primeiros contra 163 marcadas pelos segundos.

O grupo do Sporting obteve um merecido triunfo, por 4 bolas a 1; tão justo que até aqueles cronistas cuja paixão clibista costuma deturpar resultados e sofisticar situações para fazer do vencido vencedor, o reconheceram sem relutância.

A segunda partida internacional da "época futebolística", disputada na última quinta-feira de Fevereiro contra a selecção alemã, resultou num pesado desaire para o nosso grupo e numa amarga desilusão para o público apaixonado.

Entendamo-nos quanto ao significado destas afirmações: não é o resultado final de 3-1 a favor dos estrangeiros que mais pesa no nosso critério de apreciação, mas sim a diferença de classe individual e de técnica de conjunto manifestado entre as duas equipas adversárias. O resultado poderia até sem contrariar a corrente de jogo, ter sido muito mais lisonjeiro para

o grupo português que teve ocasiões dos chamados de "goal", feito perdidos ingloriamente e manteve durante largos períodos um insistente domínio territorial; ainda que assim fôsse, continuaríamos a considerar o encontro com a selecção alemã como um fracasso para o futebol português.

Os jogadores germânicos apresentaram um sistema de jogo perfeitamente definido, diverso das normas que estamos habituados a encontrar nos grupos representativos vindos a Portugal. A sua equipa é uma máquina perfeitíssima cujas peças são fabricadas do melhor aço e cuja mecânica trabalha numa regularidade impecável.

Frente a este conjunto organizado, no qual cada elemento tinha para todas as eventualidades a noção exacta do papel a desempenhar e do posto a ocupar, o onze português poderia apenas ter brilhado pelo seu entusiasmo tradicional, pela rapidez e inspiração das jogadas que são a característica dominante da nossa forma de agir. As virtudes do povo não falharam no campo, mas a par de tão grandes deficiências que não conseguiram impôr-se à situação.

Os jogadores portugueses eram atléticamente inferiores, de técnica muito mais rudimentar, falhos de disciplina orientadora, embora generosos em energia, em coragem, em vontade. Uma vitória sobre os alemães teria sido um milagre destas três virtudes; mas o milagre não se fez.

Salazar Carreira



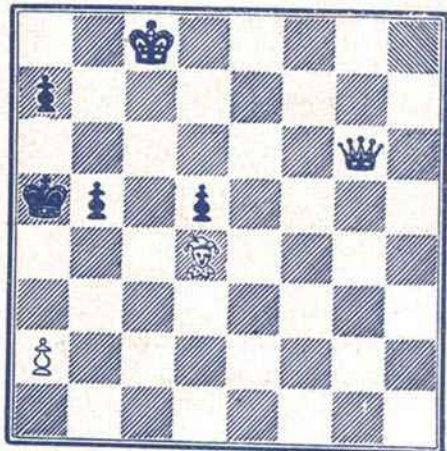
A pista de Garmisch-Partenkirchen, onde se disputaram as Olimpíadas

Xadrez

(Problema por J. Kotre)

Branças 4

Pretas 4



Jogam as brancas e dão mate em três lances.

Bridge

(Problema)

Espadas — A. D. V. 5

Copas — A. D. 10, 3.

Ouros — R. D. V.

Paus — — — — —

Espadas — R., 10, 9, 8.

Copas — R. V., 9

Ouros — — — — —

Paus — 10, 8, 6, 3.

Espadas — 7, 2.

Copas — 7, 5.

Ouros — 10, 9, 8.

Paus — R. D. V. 5.

Sem trufo. S joga e faz as vasa todas.

(Solução do número anterior)

S joga o Az de espadas e depois o Valete de espadas.

Duas hipóteses há: ou O entra da Dama de espadas ou cede a vasa. Suponhamos que cede, jogando o 6 de espadas, N balda-se a 4 de paus. S joga o 7 de espadas, O joga Dama de espadas, N corta de 9 de copas e joga o 10 de ouros.

S joga a dama de ouros e depois o Rei de copas, obrigando E a baldar-se ao 9 de ouros que é firme ou a perder a defesa em paus.

Se á segunda vasa, O entra da Dama de espadas, N corta com o 9 de copas e joga o 10 de ouros, fazendo S a Dama de ouros e jogando, em seguida, o Rei de copas, obrigando E a baldar-se á carta firme de ouros ou de espadas ou á defesa em paus.

Se se balda a ouros ou espadas, S joga 5 de ouros ou 7 de espadas e E vê-se novamente obrigado a baldar-se, não podendo fazer vasa.

A palavra disfarçada

(Solução)

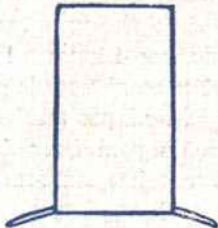
Universidade.

Vida boa e barata

Dizem alguns viajantes que a Jugoslávia seria verdadeiramente o país ideal sob o ponto de vista da economia. Ali, quem possua um rendimento de 3.000 esc. por mês, pode muito bem ter dois criados e automóvel. Um palacete com garage e diversas dependências, parque e terraço sobre o mar, aluga-se por uns 400 esc. por mês!



Ilusão óptica

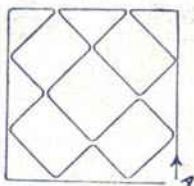


Isto, que aqui se vê, vem a ser um chapéu alto — dos que se usavam há oitenta anos — e tão alto que parece o cano dum fogão, mas apesar disso, se o forem medir desde o ponto que fica junto á abá, verão que a sua altura é exactamente igual á largura daquela.

Parece mais alto porque é sempre maior esforço seguir uma linha vertical, do que dirigir a vista dum lado para o outro.

Desenho a traço contínuo

(Solução)



Estão os cantos cortados para melhor se compreender.

Parentesco protocolar

A imprensa italiana publicava, recentemente, uma comovedora carta da rainha de Itália a Mussolini, na qual a soberana dava a conhecer que tomava parte nos sacrifícios nacionais, oferecendo a sua aliança de ouro para o fundo de resistência às sanções.

Na carta assinava-se: «Sua afeiçoada prima». Ora isto surpreendeu muita gente, sabendo-se que não existe nenhum laço de parentesco entre a rainha e o chefe do governo fascista. Há, todavia, entre elles, um parentesco protocolar.

Mussolini é, com efeito, membro da «Anunciata» a mais alta ordem italiana, que remonta a 1302, e que a torna, como tal, «primo» da soberana.

Além da familia real só se contam, em Itália onze membros da ordem da «Anunciata».

Documento interessante

A exposição Francisco José, tem obtido grande successo em Viena e veio por ultimo enriquecê-la um curioso documento: as últimas palavras escritas pelo imperador Francisco José, antes da sua morte. A fôlha de papel que as contém iria servir de rascunho para um telegrama. Com mão incerta, o velho soberano traçara estas palavras: «O Imperador da Austria a Sua Alteza Imperial e Real a princesa Gisela, em Munich».

Um incômodo repentino não permitiu que o imperador continuasse. Aquelas linhas foram escritas em 21 de Novembro de 1916, às cinco horas da tarde. A pena caiu-lhe da mão e foi levado para cima do leito onde faleceu daí a quatro horas.

A princesa Gisela era a filha mais velha do monarca. Casara com o principe Leopoldo da Baviera, que teve o posto de comandante de exercito durante a guerra.

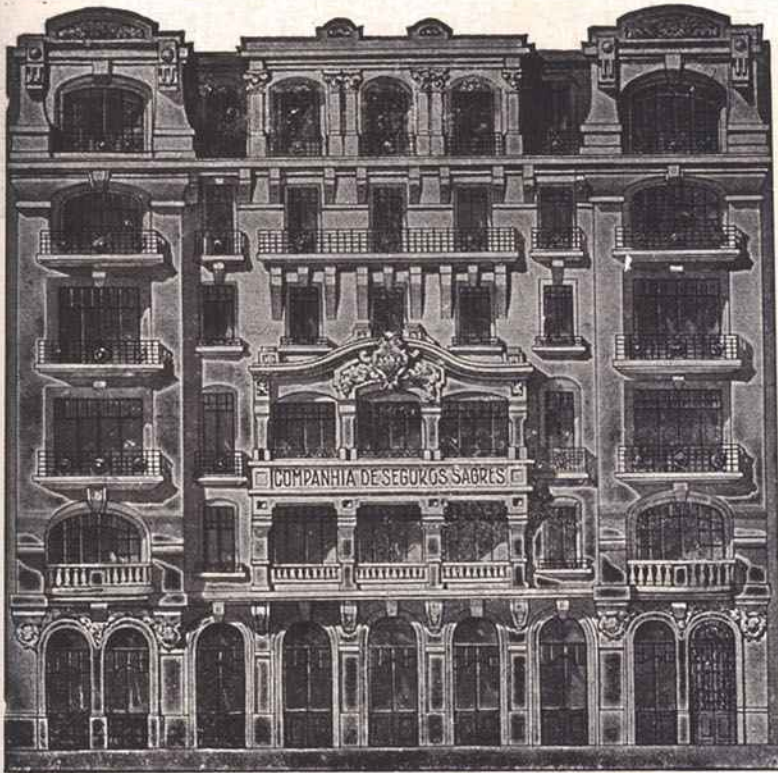
Celebrou-se há pouco tempo em Viena de Austria, o 130.º aniversário do «nascimento» das salsichas de Viena, manjar famoso, que são uma variedade das salsichas de Francfort e que dão trabalho a muitos milhares de familias. A festa foi promovida por um fiambreiro vienês, cuja bisavô introduziu o produto na Austria.



— Pelo amor de Deus, despacha-te, Elena! O navio está-se a afundar cada vez mais.
— Não me demoro nada. Estou só a vêr se sou capaz de pôr êste cinto de salvação com uma certa elegância.

(Do «Humorist».)

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — —

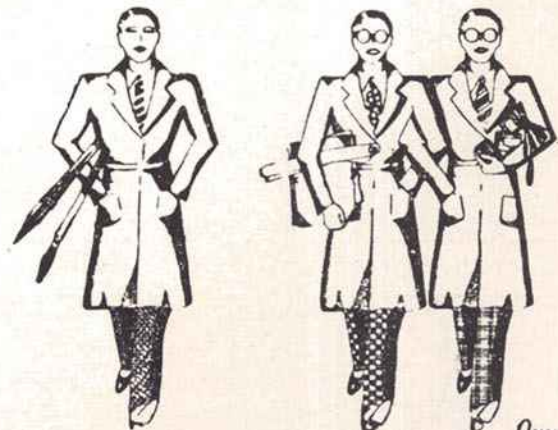
MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

**BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Encontra-se à venda a 5.^a edição desta obra admiravel

PÁTRIA PORTUGUESA

Obra louvada em portaria do Govêrno de 20 de Dezembro de 1913
e aprovada para prémios escolares por despacho ministerial de 23 de Julho de 1914

Capa a côres de **ALBERTO DE SOUSA**

1 vol. de 336 págs., broch., **Esc. 12\$50** — Pelo correio à cobrança **Esc. 14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por **SAMUEL MAIA**

3.^a ed. Este romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas*.

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 5.^a edição, de novo revista

10.^o MILHAR

SENHORA DO AMPARO

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa
e da Academia Brasileira de Letras

DOIS PERFIS:

- Um curandeiro de obsessos.
- Um cura de almas.

1 volume de 250 págs. broch. **12\$00**
encad. **17\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12\$00**; pelo correio à cobrança **Esc. 13\$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio
por dia

O MEU SISTEMA

POR J. P. MÜLLER

O livro que mais tem contribuido
para melhorar fisicamente o homem
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-
zoavel, mais pratico e útil que até
hoje tem aparecido de cultura fisica

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem
estar fisicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**
pelo correio à cobrança **9\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



À VENDA

a 3.^a edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15\$00**
Pelo correio, à cobrança **16\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoeecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17\$00**; broch., **12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75-LISBOA

As edições da **LIVRARIA BERTRAND**, encontram-se à venda
na **Minerva Central** — Rua Consiglieri Pedroso
Caixa postal 212 **LOURENÇO MARQUES**

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
 " " " " carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSAO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CHIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISICÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
 Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

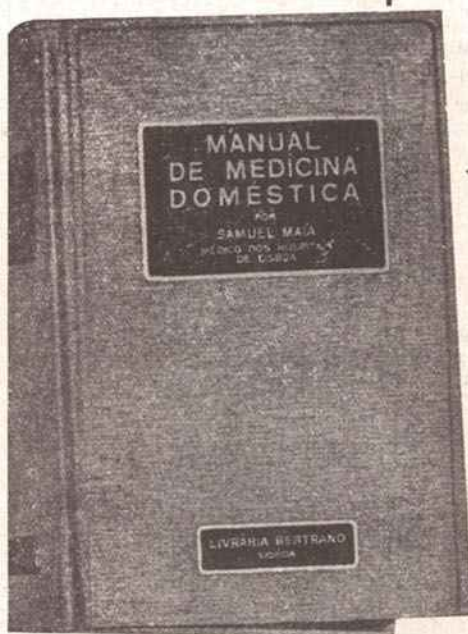
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina

Esc. 35\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

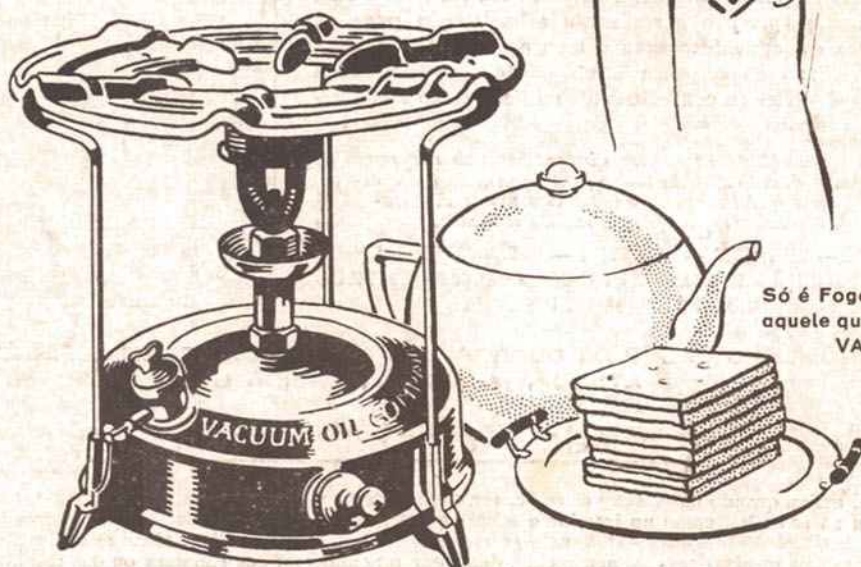


Visitas
inesperadas...



Chá? Torradas?

Onde está a dificuldade numa casa em que exista o maravilhoso Fogareiro de Pressão Vacuum, cómodo, asseado e, sobretudo, rápido e económico?



Só é Fogareiro Vacuum
aquele que traz a marca
VACUUM

**FOGAREIROS
VACUUM**

USAR SEMPRE PETROLEO SUNFLOWER